

SANTO ANTÃO da BARCA

Coordenação

FERNANDO BESSA RIBEIRO

TRASLADAÇÃO, FESTA E HISTÓRIA
DE UM LUGAR EM ALFÂNDEGA DA FÉ

Texto

FERNANDO BESSA RIBEIRO
PAULO JABLONSKI
LUÍSA CORTINHAS
MANUELA RIBEIRO

Fotos

PEDRO COLAÇO DO ROSÁRIO
GUILHERME ROSELER CARVALHO
ISMAEL AFONSO

SANTO ANTÃO da BARCA

Coordenação
FERNANDO BESSA RIBEIRO

TRASLADAÇÃO, FESTA E HISTÓRIA
DE UM LUGAR EM ALFÂNDEGA DA FÉ

Texto

FERNANDO BESSA RIBEIRO
PAULO JABLONSKI
LUÍSA CORTINHAS
MANUELA RIBEIRO

Fotos

PEDRO COLAÇO DO ROSÁRIO
GUILHERME ROSELER CARVALHO
ISMAEL AFONSO



Índice geral

- 7 O SANTUÁRIO É TAMBÉM PAISAGEM
E RIO... E GENTES!
Berta Nunes
- 11 APRESENTAÇÃO
Manuel António Gouveia
- 16 LISTA DE SIGLAS, ACRÓNIMOS
E ABREVIATURAS
- 18 NOTA PRÉVIA
- 20 AGRADECIMENTOS

24	INTRODUÇÃO <i>Fernando Bessa Ribeiro</i>	
30	CAPÍTULO 1. O TRAJETO DO ESTUDO <i>Fernando Bessa Ribeiro</i>	
44	CAPÍTULO 2. ERA UMA VEZ... UMA BARRAGEM <i>Fernando Bessa Ribeiro, Manuela Ribeiro e Luísa Cortinhas</i>	
62	CAPÍTULO 3. UM RIO, VIDAS E A LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA <i>Paulo Jablonski, Fernando Bessa Ribeiro e Luísa Cortinhas</i>	268
110	CAPÍTULO 4. O SANTUÁRIO DE SANTO ANTÃO DA BARCA <i>Paulo Jablonski, Fernando Bessa Ribeiro e Luísa Cortinhas</i>	272
156	CAPÍTULO 5. A TRASLADAÇÃO DO SANTUÁRIO <i>Fernando Bessa Ribeiro, Luísa Cortinhas e Paulo Jablonski</i>	276
192	CAPÍTULO 6. A VIDA TAMBÉM É FEITA DE FÉ E DE FESTA PROCISSÕES E ARRAIAIS EM SANTO ANTÃO DA BARCA <i>Paulo Jablonski e Luísa Cortinhas</i>	284
262	CONSIDERAÇÕES FINAIS. E A VIDA CONTINUA (E COM ELA A FÉ E A FESTA) <i>Fernando Bessa Ribeiro</i>	
		268 CRONOLOGIA
		272 ÍNDICES DE FIGURAS, FOTOGRAFIAS, NARRATIVAS E QUADRO
		276 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
		284 SOBRE OS AUTORES

Introdução

Fernando Bessa Ribeiro

A construção de grandes aproveitamentos para a produção de energia hidroelétrica provoca impactos significativos e suscita problemas sociais, económicos e ambientais que importa considerar. Destacam-se os relacionados com a vida e os modos de viver dos indivíduos e das comunidades atingidos pelas barragens, cujas albufeiras fazem submergir espaços, bens materiais e símbolos. Ainda que dependendo das condições específicas em que cada aproveitamento hidroelétrico é implementado e das medidas minimizadoras e compensatórias associadas, os impactos podem alterar vivências e formas de sociabilidade, incluindo práticas de lazer, redes relacionais, valores afetivos e referentes identitários, entre outros.

A albufeira do AHBS submergiu o santuário de Santo Antão da Barca e área envolvente, obrigando a uma intervenção de salvaguarda deste património, considerando mormente a sua

relevância social, histórica, religiosa e identitária para os cidadãos da região, em especial do concelho de Alfândega da Fé¹. Ainda que a trasladação para uma cota superior fosse um aspeto fundamental, as ações de proteção e valorização não se esgotavam nesta ação, devendo ir mais além, nomeadamente através da elaboração de documentos escritos e audiovisuais que pudessem contribuir para a fixação e, sobretudo, compreensão dos aspetos mais relevantes do passado e do presente desse Santuário e das gentes a ele ligado. É o caso do presente estudo, cujo objetivo geral é conhecer as representações e práticas da população no Santuário, em especial as relacionadas com as festividades e outras cerimónias que mobilizam parte significativa dos naturais (muitos deles emigrados em outras regiões do país e sobretudo no estrangeiro) e residentes do concelho de Alfândega da Fé e atraem inúmeros visitantes. Mas, como o Santuário é também paisagem e rio, o conhecimento do modo como este se inscreve na vida social e cultural das gentes locais, com destaque para as da aldeia de Parada, exige uma abordagem mais ampla que considere também outros aspetos que não os que se prendem com o campo estrito do simbólico. Em concreto, é pertinente um olhar sobre as relações da população com o rio, explorando as dimensões económicas, lúdicas, comunicacionais e simbólicas que ao longo dos tempos foram organizando a vida local – e que têm expressão no nome do próprio

1 Se nos anos 70 do século passado a construção da barragem de Vilarinho da Furna deixou soterrada uma aldeia, sem que nada se fizesse para proteger de modo adequado a população nela residente, nomeadamente através da trasladação dos seus edifícios mais relevantes para uma nova aldeia, hoje a situação é muito diferente. Não só existe uma maior sensibilidade das empresas elétricas para a preservação do património, entendido aqui num sentido amplo, englobando os aspetos materiais e imateriais, como os próprios cidadãos estão mais bem equipados para a defesa dos seus interesses, pressionando desta forma o poder político para encontrar soluções que sejam compatíveis com as suas expectativas. O caso mais conhecido e de maior dimensão é o da aldeia da Luz, cujo fundamento provocado pelo enchimento da albufeira do Alqueva obrigou à transferência dos habitantes para uma nova aldeia, construída de raiz a uma quota superior (cf. Saraiva 2005).

santuário de Santo Antão da Barca, o santo barqueiro que protegia quem tinha de atravessar o rio.

Este estudo procura conhecer e fixar em suportes adequados (texto, fotografia, filme, áudio) os olhares da população sobre o Santuário, através da exploração das memórias individuais e a observação das práticas sociais nele realizadas. Esta tarefa foi articulada com a pesquisa acerca da história do lugar e da confraria responsável pelo Santuário e pela organização das romarias em Santo Antão da Barca. Atendendo a que estávamos num momento de grandes mudanças, marcadas pela trasladação do Santuário, acompanhou-se de muito perto e de modo intenso este processo. Assumiram especial relevância as festas de 2012 e 2013. Trata-se, em termos simbólicos, de dois momentos certamente extraordinários para as gentes locais, atendendo a que a festa de 2012 foi a última que se realizou no lugar de sempre do Santuário e a festa de 2013 decorreu na aldeia de Parada, numa espécie de interlúdio irrepetível, em virtude de as obras no novo espaço não estarem então concluídas.

Ao dar importância às relações do Santuário com a vida quotidiana no presente e no passado, esta estratégia conceptual permite situar historicamente o processo de trasladação do Santuário, colocando-se em evidência as razões que a justificam. Mas não só, procura-se também dar conta da importância da paisagem e das atividades relacionadas com o rio, seja a pesca, seja o veraneio, ambas realizadas nas imediações do espaço do Santuário. Aliás, o rio (e a paisagem envolvente), ao qual o culto do Santo Antão da Barca se encontra estreitamente vinculado, desempenha um papel estruturante, marcante em termos históricos, com destaque para atividades com valor económico – *v.g.*, comércio, agricultura, pesca, pastoreio – para as populações dos concelhos de Alfândega da Fé, Mogadouro e Torre de Moncorvo. Justifica-se, pois, que seja dada relevância aos usos do rio e da terra em termos históricos.

Em suma, no sentido de conferir uma coerência ancorada numa narrativa que permita ao leitor compreender as razões que levaram a um processo de transladação de uma Capela, este estudo estrutura-se em torno dos seguintes tópicos: (i) o Santuário e a Confraria de Santo Antão da Barca – história e património; (ii) o rio enquanto elemento dinamizador de atividades económicas e simbólicas; (iii) entre o sagrado e o profano – procissões, romarias e arraiais em Santo Antão da Barca; (iv) os santos do Santuário – cultos, crenças e representações e sua importância na vida social local (fé dos locais nos santos, nas promessas, nos milagres, na contabilidade do “deve” e do “haver” instituída entre os locais e os santos); (v) o processo de transladação do Santuário – olhares e formas de participação da população; (vi) o novo Santuário.

O estudo é constituído por seis capítulos. Espaço, memória, mudança social e os procedimentos metodológicos ocupam o primeiro capítulo. Em concreto, e atendendo aos objetivos fixados, neste enquadramento teórico e metodológico reflete-se demoradamente sobre os modos de produção, enraizamento e reprodução da memória, atendendo a que esta, não só desempenha um papel crucial na construção da identidade local, mas é também um recurso metodológico para a recolha de dados acerca do passado do Santuário e dos usos do rio. Como veremos, o escrutínio da memória ocupa um lugar relevante na estratégia metodológica escolhida, de tipo etnográfico, conjugando observação, diálogo e entrevistas semi-diretivas com os atores sociais, a que se junta a pesquisa documental em bibliotecas e arquivos. No capítulo segundo – “Era uma vez... uma barragem” – dá-se conta das razões que justificam o estudo, isto é, a construção do aproveitamento hidroelétrico, cujo processo de decisão e características são objeto de análise. No capítulo seguinte – “Um rio, vidas e a luta pela sobrevivência” – descrevem-se as relações que ao longo do tempo se foram

tecendo, tendo como elemento estruturador o rio e as terras envolventes. Não estando imune à mudança, os seus usos foram-se alterando com o correr do tempo, sobretudo nos últimos cinquenta anos. Hoje, por exemplo, já ninguém semeia cereais nas agrestes encostas que envolvem o rio Sabor na zona do Santuário. Nem tão-pouco a barca ou a colónia de férias funcionam, apesar de, como veremos, permanecerem fortemente presentes na memória da comunidade local. No capítulo quarto, o primeiro dos três focados no Santuário, descrevem-se o lugar, a Confraria e os santos, promessas e procissão, mobilizando-se para isso as fontes documentais e etnográficas recolhidas ao longo do trabalho de campo. O capítulo seguinte aborda o processo de trasladação do Santuário, analisando aspetos como a escolha do local, a posição da população – em especial os residentes em Parada, cujas ligações ao lugar são muito intensas –, as obras de trasladação e o novo espaço e seu entorno. Por fim, o último capítulo é “feito” de fé e de festa, isto é, das procissões e arraiais em Santo Antão da Barca que, como bem mostra a festa grande de setembro, combinam o sagrado e o profano de modo intenso e (aparentemente) contraditório.

Em paralelo realizou-se um documentário visual de quase 60 minutos, com o título *A ascensão do Santo Antão da Barca*, cujo argumento tem como principal elemento o processo de trasladação do Santuário para o novo lugar. Em concreto, o filme mostra as principais práticas e atividades que tinham como “espaço de ação” o velho espaço religioso e o rio Sabor a ele adjacente. Foi ainda organizado um vasto registo fotográfico, de que dão conta de modo muito parcial as fotografias que ilustram o livro, bem como um acervo de entrevistas audiovisuais a membros da comunidade local, em especial da aldeia de Parada, cujos testemunhos são também aqui utilizados.

mais propriamente relacionados com aspectos práticos. -----

Postos os dois locais à votação, a assembleia votou, por unanimidade, pelo Arrebentão. ----

Relativamente à escolha deste local, pesaram, sobretudo, além de sobranceiro à actual localização, os seguintes aspectos: proximidade do rio, boa acessibilidade, excepcional vista panorâmica e área envolvente adequada a uma prevista urbanização – parte relativa ao Santuário e, eventualmente, parte destinada a particulares –, bem como o facto de exigir menos esforço relativo a infra-estruturas. Se bem que a Broeira permitisse a localização também perto do rio, a mesma não oferece outras condições como as demais referidas do Arrebentão. -----

Ponto três – Foram ainda apresentados pelo Arquitecto Rui Gonçalves outros diapositivos sobre as estruturas e espaços envolventes do Santuário, tais como: edifício de apoio, café/

restaurante, parque de estacionamento, sanitários e arborização. Tais estruturas e espaços foram considerados insuficientes pela assembleia, a qual remeteu para a Câmara Municipal e a Comissão da Confraria as necessárias negociações para salvaguardar situações, como: a fonte, os coretos, a casa do fogo, a casa dos romeiros, praia fluvial e respectivas estruturas de apoio, acessos e outras. -----

E não havendo nada a tratar, deu-se por encerrada a reunião da qual se lavrou a presente acta, a qual, após ratificada, vai ser assinada pela Presidente da Câmara Municipal e aceite pelo padre Francisco Pimparel, conforme extracto da acta n.º 2 da Comissão de Festas. ----- ¹

1 No extrato da ata n.º 2 da Comissão de Festas pode ler-se que “o Padre Francisco concordou [que] aceita esta escolha [a do Arrebentão] [,] com a garantia de que, sendo o local devidamente aplanado, o Santuário fique também próximo do rio [...]”.

CAPÍTULO 6

A vida também é feita de fé e de festa

Procissões e arraiais em Santo Antão da Barca

Paulo Jablonski
e Luísa Cortinhas

1. “PARA O SANTO, ESTE POVO NÃO POUPA ESFORÇOS”: A RECOLHA DE FUNDOS

A realização de festas, à semelhança do observado por Silva (1996: 89) para as que ocorrem no Minho, depende da mobilização de trabalho e recursos financeiros avultados. No caso das festas do Santão Antão da Barca, as mulheres, como veremos, desempenham um papel-chave nas iniciativas que possam gerar dinheiro e outros recursos.

O executivo da Confraria procura desenvolver atividades que proporcionem a angariação de fundos. O sucesso não está só dependente dos membros que o compõem, é fulcral que haja a envolvimento da população de Parada e até mesmo das aldeias vizinhas. Se bem que os homens não deixem de apoiar, a responsabilidade das iniciativas

mais importantes é das mulheres. É o caso da confeção de bolos para venda, cujo principal objetivo é o apoio à missa de Ascensão do Senhor, também designada festa de Maio. Há longos anos enraizada na aldeia, é já considerada pelas pessoas como uma tradição, logo algo que pretendem manter: “Isso até foi inventado. E agora a gente chama-lhe uma tradição, que não pode ficar por fazer, tem que se fazer”, afirma Antónia Ferreira, a responsável pela iniciativa há mais de meio século. Acrescente-se que, não só foi inventada, como também está sujeita à mudança. Assim, se no passado os bolos eram feitos no Santuário e posteriormente vendidos pelos membros da Confraria, hoje eles são feitos pelas mulheres nas casas das famílias que aderem à iniciativa:

ANTÓNIA FERREIRA – Oh... isso já foi há muito tempo, ainda eu era nova, ainda era uma rapariga nova, já há muitos anos.

ENT. – Tinha quantos anos? À volta de 20?

ANTÓNIA FERREIRA – Para aí 25 ou 30. Foi nessa altura que comecei eu a fazer e depois tinha quem me ajudasse. Nessa altura a gente da minha idade [87 anos] era muito animada – já morreram duas infelizmente. Quando era a Ti Leninha e a Ti Felicíssima só [a fazerem bolos], lembra-me que fazíamos lá no Santo Antão.

M. RIBEIRO – Faziam-nos no Santo Antão?

ANTÓNIA FERREIRA – Fazíamos-los lá no Santo Antão e depois vinha um comissário trazê-los cá e vendê-los.

A elaboração da doçaria depende, desde logo, da disponibilidade dos ingredientes necessários. Para isso, algumas das mulheres dedicam-se à sua recolha. Nos últimos anos, esta tarefa tem estado a cargo de uma das pessoas mais populares e bem relacionadas na aldeia, a quem, por isso, ninguém ousa recusar o seu pedido de farinha, ovos, óleo; enfim, tudo o que é imprescindível à confeção dos doces.

CELESTE FERREIRA – E fui eu que dei a volta ao povo. Mas também tenho uma coisa muito boa para este povo, também não querem só bem ao Santo, também me querem a mim, que ninguém me diz que não... pois... É preciso ser a pessoa certa.

ENT. – E porque é que a Dona Celeste é a pessoa certa?

HERMÍNIA CORDEIRO – Porque é popular, sabe falar...

CELESTE FERREIRA – Portanto, eu não me importo. De maneira que posso pedir ao povo que ninguém me diz que não. Eu também gosto de fazer quando me pedem, é só por isso, porque eu não sou santa...

Neste peditório para a confeção dos bolos, a nossa informante não percorre apenas as casas da aldeia de Parada, visita também a aldeia vizinha do Sardão: “E depois vão ao Sardão, a uma quinta que tem lá muito ovo. Trouxeram quatro cestas de ovos. E dão a farinha, só se compra o bicarbonato e o pó *Royal*. Outros dão embalagens de leite...”, descreve Antónia Ferreira. Todas as pessoas colaboram, oferecendo o que têm disponível em casa e de acordo com os seus recursos:

CELESTE FERREIRA – [Cada um] dá o que tem. Há gente que dá ovos, farinha e tudo o que é necessário para os doces, o que é preciso. Alguma gente diz: “Olha, toma lá dez euros, compra um quilo de farinha, compra um quilo de açúcar.” Às vezes sobra muito mais, mas, pronto, para o Santo ninguém tem pena de dar. Depois temos ali o povo, temos a quintita do Sardão, também nos ajuda muito, é pequenina mas também nos ajuda muito; se formos lá, trazemos de lá uma cesta de ovos. A quinta do Sardão, um povito ali.

ENT. – A quinta é uma aldeia?

CELESTE FERREIRA – É pequenina e a gente chama-lhe quinta, pronto. Mas também se formos para lá dão-nos uma cesta enorme de ovos,

e é assim: uma dá o azeite, outra dá aguardente, outra dá a farinha, dá-se aquilo que é preciso. E depois tem que haver alguém que dê o corpo, para acender o forno, aquecer o forno, tem que se aquecer muitas vezes...

Realizado este peditório, são verificados os ingredientes doados. Feito o balanço, são adquiridos no mercado os que estão em falta ou em quantidade insuficiente. Só depois é que se passa à confeção. Como o fabrico dos bolos já não é feito no santuário de Santo Antão da Barca, há que escolher na aldeia o espaço mais adequado, isto é, aquele que permita a preparação e o cozimento dos doces.

A cozedura é feita em forno a lenha, porque garante melhor qualidade, mormente em termos de textura e sabor, mas também porque a sua maior dimensão permite cozer em simultâneo uma maior quantidade de bolos. A procura de lenha é uma tarefa dos homens, que se encarregam de a recolher e transportar até à cozinha onde as mulheres irão trabalhar.

Neste processo há uma pessoa que assume uma posição decisiva: a Dona Antónia. Apesar de quase nonagenária, mantém ainda uma vitalidade pouco frequente, sendo a guardiã das receitas, todas na sua memória. Assim, a elaboração dos doces é feita debaixo da sua orientação, mantendo-se sempre presente ao longo de todo o processo. Este envolve uma dezena de pessoas da aldeia, às quais são atribuídas distintas tarefas: enquanto umas amassam a farinha e demais ingredientes, outras colocam os doces nas formas, outras ainda ocupam-se do forno, enfim, ninguém se mantém inativa. O ritmo é frenético, as horas passam e os resultados, sob a forma de doces deliciosos.



76 | 77
Preparação da
doçaria.
[Fotos de Luísa
Cortinhas.]



ENT. – Qual é a receita do bolo, como se faz?

M. RIBEIRO – Isso é a Ti Antoninha que sabe.

ENT. – Como é que é a receita?

ANTÓNIA FERREIRA – Dos económicos?

ENT. – Do bolo, a farinha, quantos ovos?

ANTÓNIA FERREIRA – Eu boto tudo a olho, não tenho nada [escrito].

ENT. – Diga-me o nome dos bolos que fazem?

ANTÓNIA FERREIRA – Olhe, fizemos o chinfum.

ENT. – O chinfum?

ANTÓNIA FERREIRA – Sim, chamamos-lhe o chinfum. É feito com óleo, água e ovos, pois. E este ano nem lhe botei, que me esqueci, eu esqueço-me da baunilha. Leva uma vagenzinha de baunilha, se é líquida deita-se-lhe umas gotas, se não é líquida deita-se daquela outra. E fizemos centeios, chamamos-lhe cá os centeios, um de canela, outro de chocolate. Eram dois de cada, dois de canela, dois de chocolate. Para não terem todos o mesmo sabor. Também leva

78 | 79

Doces já confeccionados (à esquerda os chinfuns, à direita os centeios).

[Fotos de Luísa Cortinhas.]



ovos e leite e umas pinguinhas de aguardente. Leva manteiga. Este ano, para não estar a derreter a manteiga, para ser mais depressa, deitei-lhe óleo e ficou ainda melhor. Ficaram muito bons esses. E económicos, e pão de ló.

ENT. – Como são os económicos?

ANTÓNIA – Os económicos [são feitos assim:] é uma dúzia de ovos, leite, aguardente e quase também outro de azeite para ficarem macios e bons. Depois querem o forno muito quente, mas às vezes os últimos já não crescem porque já não está o forno com aquela bravura. E é assim, chamam-se-lhe “os económicos”.

M. RIBEIRO – Mas de económicos não têm nada, levam muita farinha, de económicos não têm nada, ora não?

ANTÓNIA FERREIRA – Levam muita farinha.

M. RIBEIRO – De económico não tem nada?

ANTÓNIA FERREIRA – É.

ENT. – E o pão de ló também fazem?

ANTÓNIA FERREIRA – Fazemos.

M. RIBEIRO – Pão de ló também fazem.

ANTÓNIA – E fizemos de coco. Mas o outro ano fizemos muitos mais, mas eu não ando boa...

Terminado o trabalho de cozinha, há que preparar os bolos para a sua comercialização. Os bolos são fatiados e colocados em pratos, que serão acondicionados em saco. Cada saco, vendido a cinco euros, tem cerca de um quilo e é composto por todas as variedades de bolo produzidas: “E depois compra-os o povo. Dá tudo para fazerem e depois compram os bolos. Mas isto é tradição, é assim a tradição que manda, e mais que houvesse, foram todos” (Antónia Ferreira).

Esta atividade proporciona um rendimento apreciável para as festas. Porém, é insuficiente, pelo que são necessárias outras atividades para angariação de fundos. Foi o caso da venda de frango grelhado, que apenas se realizou em 2011. Novamente foram as mulheres as responsáveis por ela, sendo os frangos vendidos para consumo em casa. Procurando minimizar as sobras, inquiriram alguns habitantes de Parada e do Sardão sobre as quantidades que pretendiam adquirir. Mesmo não divulgando intensamente esta atividade, pessoas de aldeias vizinhas e outros lugares acabaram por tomar conhecimento, não deixando também de adquirir alguns frangos. Feito o levantamento dos interessados, procurou-se o melhor preço para aquisição do frango, de modo a maximizar os ganhos para a festa do Santo:

Claro, temos que ir saber do melhor preço. Mas os frangos... a gente comprou os frangos, já não íamos pedir ao povo, porque já era explorar demais. E depois andou-se a dar volta ao povo. Dei volta ao povo e toda a gente, toda a gente, toda a gente comprou o frango, assadinho àquela hora estava marcado, toda a gente foi a buscar o seu franguinho assadinho e comeram em casa. Engraçado é que as pessoas disseram para continuar. Daqui a quinze dias ou isso que voltássemos a fazer outra coisa. Portanto nós vamos voltar a fazer, para fazer dinheiro e assim reverte para o Santo Antão, para o que é preciso para as despesas, para essas coisas. (Celeste Ferreira)

CADERNO DE CAMPO, 24-08-2012

Numa das diversas idas ao terreno, mais concretamente à aldeia de Parada, encontramos a Elizabete e a Dona Celeste com uma agulha na mão e linhas, a fazerem colares e rosários com missangas para a festa. Logo que prontos, serão colocados no bazar e vendidos a cinco euros.

A Dona Antónia, indiferente ao peso da sua idade, gosta de colaborar em tudo o que possa contribuir para ajudar o Santo, pelo que aproveita para seleccionar e preparar ervas com aromas agradáveis. Depois de cortadas coloca-as a secar. Logo que estejam secas, ensaca-as para posterior colocação no bazar.

Se estas são as atividades que mobilizam mais pessoas e que exigem uma forte articulação de esforços e tarefas, outras existem de cunho mais individual, mas nem por isso menos importantes. Enfim, pode afirmar-se que todo o dinheiro angariado para o Santo é bem-vindo. É o caso da elaboração de colares e rosários, vendidos a cinco euros.

A estes objetos juntar-se-ão os que foram angariados junto dos residentes da aldeia de Parada e de outros lugares vizinhos, igualmente para venda na Casa dos Milagres. No caso de o seu valor ser mais elevado, são vendidos a outro preço, como foi o caso dos terços confeccionados pela Celeste Ferreira e Elisabete Pereira¹.

Face ao que foi acima descrito, impõe-se sublinhar que as atividades desenvolvidas para angariar fundos para o Santo são um sucesso, conquanto o rendimento proporcionado seja desigual. A adesão dos habitantes de Parada é, desde sempre, enorme, não regateando apoio: “As pessoas têm muito amor ao Santo. Quando é para o Santo, o povo de Parada é como o limão. Porque se diz que é como um limão? Está sempre a espremer e deita sempre sumo. O povo de Parada é igual, para o Santo Antão, se a gente pedir não há uma alma que diga que não” (Celeste Ferreira, EA).

1 A vulgarização dos equipamentos tecnológicos faz sentir também os seus efeitos neste campo. Por exemplo, quando as máquinas de café eram raras, não estando disponíveis na aldeia, no dia da festa de Santo Antão da Barca era vendido café aos romeiros, com os lucros a reverter para o pagamento de despesas com o evento: “O café era feito na brasa, fazia-se na panela de ferro, depois botava-se uma brasa na panela, para assentar o café. Uma brasa, a gente assoprava-lhe, tirava aquela cinza e deitava-se aquela brasa na panela” (Hermínia Cordeiro, EA).

Em suma, esta envolvimento com a festa do Santo Antão da Barca revela a importância que ela tem para estas populações, em especial para as de Parada. Com o Santo desenvolvem uma intensa relação pessoal, veem-no como uma pessoa real, viva, por quem nutrem um sincero e intenso apreço. E por isso é que existe uma grande participação de todos no que concerne à recolha de fundos.

2. A FESTIVIDADE DE MAIO

A missa de Maio não tem uma data fixa, dependendo da posição da Páscoa no calendário. Nela celebra-se a Ascensão de Cristo ao céu, quarenta dias após a sua ressurreição, sendo realizada, por norma, no domingo seguinte ao da Páscoa. Na festa, a esfera religiosa tem uma presença central. Fazendo comparação recorrente com a festa de Setembro, as pessoas que a frequentam falam dela como uma festa menos trabalhosa: “O trabalho da missa de Maio é pequeno, simplesmente uma semana antes para enfeitar a igreja e preparar o local. A festa de Setembro é trabalho de todo o ano” (Luís Pereira, EA).

Embora neste evento não haja conjunto musical contratado, nem a grandeza da festa de Setembro, a sua importância, dentro do calendário cristão, não é menor. Esta festa tem um cariz mais espiritual e religioso ou, melhor ainda, é uma festa sem arraial onde a presença e protagonismo das mulheres, como veremos, é central. Embora não de forma exclusiva, na missa de Maio a mulher participa de forma ativa em cada um dos momentos da celebração. Mas comecemos do princípio.

Já foi descrito, no subcapítulo anterior, o processo de angariar fundos para a festa e o fabrico de bolos na aldeia de Parada, onde o papel das mulheres é fulcral. No lugar do Santuário há trabalho a realizar antes da festa. A Capela e o Santuário precisam de uma limpeza aprofundada. Estas tarefas

CADERNO DE CAMPO, 12-05-2012

Numa das conversas, a Dona Antónia Ferreira mostrava alguma preocupação porque não aparecia nenhum homem no Santuário. Caso não viesse ia ter de telefonar para a aldeia para vir algum deles. Devido à sua preocupação interrogámo-la sobre as razões que justificam a presença dos homens. Isto porque sabíamos que eles não participavam na tarefa de enfeitar os andores. A explicação dada foi: “Nós temos uma tradição em que só os homens podem ver o Divino Senhor da Barca despido.” Os homens ficam sozinhos na Capela, fecham a porta e mudam-lhe a roupa.

E como a Dona Antónia não gostava da túnica que o Divino Senhor da Barca tinha vestido, ela queria mudá-la, para assim ir bonito na procissão.

realizam-se uma semana antes do domingo da celebração. Na Capela não se celebra missa desde o primeiro sábado do mês de setembro do ano anterior. Os trabalhos de limpeza envolvem não só o interior mas também o exterior da Capela. São precisas muitas horas, ao longo de vários dias, para colocar tudo em devida ordem. Estas tarefas estão divididas por género: o grupo das mulheres está encarregado de limpar o interior dos edifícios, varrer, limpar o pó, eliminar teias de aranhas e lavar. Alguns dos locais, como o chão, são de pedra e cimento, e por isso são lavados à mangueira. Limpam-se também os andores, colocando-se-lhes o respetivo santo. Quanto ao grupo dos homens, ocupa-se com a limpeza do exterior dos edifícios, tarefa que consiste em cortar a erva com roçadouras e retirá-la depois de cortada. A limpeza não se circunscreve ao espaço delimitado do recinto, estendendo-se também ao exterior mais próximo.

Cerca de uma quinzena de pessoas trabalham nos preparativos. A maioria delas faz parte da direção da Confraria. A divisão de tarefas é feita de acordo com os espaços de trabalho, que coincidem com os espaços ocupados por cada um dos géneros durante a festa. Dentro da Capela, as mulheres preparam o espaço, os santos e os seus andores. Mas nem todos os andores e imagens são responsabilidade das mulheres. As notas registadas durante o trabalho de campo são bem elucidativas acerca do papel desempenhado pelos homens na Capela durante a limpeza das imagens, nomeadamente a imagem do Divino Senhor da Barca, cujo transporte no andor é da responsabilidade dos homens.

No exterior da Capela, se alguns homens se ocupam a limpar o terreno com roçadoras, outros preparam o bar. Aí vender-se-ão cervejas, refrescos, vinho e café durante a festa, mas também antes dela. Um dia antes da festa, as mulheres compõem as flores dos andores. Nesta altura do ano, as flores estão em todas as casas e ruas da aldeia.

A primavera, embora com a sua quentura transmontana, mostra a sua beleza floral. A maioria das flores utilizadas é oferecida por devotos não só de Parada, mas também das aldeias vizinhas. As mulheres encarregadas do trabalho dão uma volta pela aldeia um dia antes, recolhendo as flores que os residentes oferecem. Todas as flores oferecidas são utilizadas para enfeitar os andores. Se não forem suficientes, a Confraria procede à compra das que estejam em falta. A decoração precisa ainda de verdura que as pessoas recolhem nos arredores da aldeia.



80
Momento da
limpeza do
Santuário.



81 | 82 | 83

Momentos da limpeza do Santuário.

Esta é uma tarefa na qual os homens colaboram. Alguma da verdura colhe-se de árvores de bom tamanho, como o medronho, ou de outras plantas de menor dimensão, como a giesta. Estes são os elementos vegetais que se empregam para enfeitar os andores. A composição final depende do critério do grupo de mulheres que prepara a Capela para a festa. Por vezes pode aparecer uma outra mulher com experiência na tarefa para colaborar.

Na manhã seguinte está quase tudo preparado: faltam ainda certos detalhes, como o arranjo das derradeiras flores, mas o trabalho está feito. Começam a chegar os primeiros romeiros, alguns fazendo o percurso a pé. Vêm sobretudo das aldeias vizinhas: Sardão, Sendim, Vilar Chão e Meirinhos, além da própria Parada. Ir a pé até o Santuário faz parte do ritual para o



cumprimento de promessas. O sacrifício do caminho a pé é o pagamento de uma promessa concedida ou sinal de devoção pelos santos do Santuário. No passado, dependendo da gravidade da petição dos romeiros, a caminhada podia ser feita de pés descalços; hoje isso é pouco frequente. Ainda menos frequente é a fase derradeira da peregrinação com uma volta à Capela feita de joelhos. Na sua maioria, as pessoas que chegam a pé são mulheres.

Uma vez no Santuário, estas pessoas entravam na Capela. Lá dentro, algumas colocavam a sua esmola ao Divino Senhor da Barca num cepo, de acordo com o que tinham na devoção. Outras passavam a mão pelo pé da divindade, e outras ainda beijavam o pé. Por fim, havia quem, além do pé, também beijasse a túnica e a almofada onde o Senhor da Barca se apoiava.



84 | 85
Bebendo e conversando no bar
do Santuário.

Na dinâmica promessa-peregrinação-sacrifício-devoção, os romeiros encontram no contacto físico com as imagens um último ritual. Uma vez solicitada a promessa e cumprido o sacrifício, para os romeiros, tocar a imagem confere proteção. Ou seja, as imagens possuem, de certo modo, um poder profilático de que os fiéis se procuram apoderar através dessas práticas rituais.

Outros romeiros vão ocupando o recinto, permanecendo à conversa no exterior ou sobretudo no bar da Confraria, onde bebem cerveja acompanhada de tremoços. No adro, há crianças que jogam à bola. Na Casa dos Milagres, membros da Confraria vendem algumas recordações das imagens e atendem os romeiros. Enquanto a missa não começa, a atenção dos presentes divide-se por vários espaços do recinto. Mas, uma vez a missa iniciada, a maioria das pessoas entra na Capela, onde permanece durante toda a liturgia. Como o espaço é pequeno, algumas têm de ficar no exterior, acompanhando dali a cerimónia.

Terminada a missa, inicia-se a procissão com quatro imagens: Anjo da Guarda, Nossa Senhora dos Remédios, Santo Antão da Barca e Divino Senhor da Barca. Na frente dos andores vão os estandartes, as lanternas e a Cruz de Cristo. Atrás dos andores, o padre e os acólitos;

a seguir, um grupo de mulheres cantando hinos e, só depois, os primeiros homens.

A procissão faz um pequeno percurso. Sai da Capela e contorna-a virando à esquerda, saindo depois do Santuário pelo portão principal. No exterior percorrem-se escassas dezenas de metros, entre o portão principal e o que se situa no lado lateral do recinto. No momento em que o primeiro estandarte entra no adro, ainda não saíram todas as pessoas do recinto. Uma vez dentro, a procissão dá mais uma volta à Capela antes de nela entrar. A procissão é cantada. Uma senhora, com um microfone na mão, situada atrás do padre, canta diversos hinos. As mulheres que a rodeiam acompanham-na nos cantos.

Uma vez entradas as imagens na Capela, as pessoas dispersam-se pouco a pouco. É hora do almoço, e há um convívio onde as famílias se juntam para almoçar. Há grupos de pessoas por todo o lado. Nas casas anexas ao Santuário, nas carrinhas, nas casas da Miragaia, perto do Santuário, nos coretos, todos os lugares são adequados para confraternizar. As famílias reúnem-se e almoçam. A ementa é composta por comida feita em casa: bolinhos de bacalhau, vitela, frango, panadinhos, rissóis, azeitonas e vinho caseiro.



86 | 87

Partilhando a merenda.

Na ementa não faltam os peixes do rio, preparados de acordo com o gosto de cada família. O ambiente é animado, de festa. As pessoas reencontram-se, algumas já não se veem há largos meses, e aproveitam para colocar a conversa em dia, saber da vida da terra e dos familiares e amigos mais próximos. Há romeiros de fora e familiares emigrados que vieram de propósito para a festa. A concentração de pessoas não é tão intensa como na festa de Setembro, reunindo sobretudo residentes das aldeias localizadas em torno do Santuário.

Depois do almoço, os romeiros tomam o café no bar da Confraria. Aí há um leilão de cerejas oferecidas por um habitante de Parada, realizado em amena brincadeira. O dinheiro da arrematação é para o Santo Antão da Barca. As pessoas que licitam estão dispostas a pagar acima do valor das cerejas no mercado, pois a tradição deste ato, expressão forte da coesão social em torno da devoção ao Santo, justifica-o plenamente. Arrematação terminada, os romeiros continuam no bar, bebendo e conversando. No adro não há música ao vivo, só gravada. Tão-pouco há barracas. O único lugar onde se pode beber algo é no bar do recinto. As crianças continuam a brincar e a jogar à bola, mas a celebração religiosa ainda não acabou.

Por volta das 15 horas, é o momento de rezar o terço, prática exclusivamente feminina. Na Capela estão numerosas mulheres, a maioria de idade avançada. Sentadas, com os seus terços, rezam. No terço, uma parte da oração é feita em silêncio, mental, e outra parte é falada. O templo é inundado de murmúrios de vozes femininas a rezar.

Acabado o terço, a festa vai esmorecendo. Os romeiros abandonam o Santuário. Os responsáveis da Confraria arrumam e encerram o bar. As flores dos andores não se deixam na Capela: as mulheres aproveitam-nas para enfeitar a igreja de Parada. O Santuário ficará fechado até que, quase quatro meses mais tarde, se volte a descer até ele para, de novo, tudo recomeçar, desta vez para a grande romaria de Setembro, a última a ter lugar no velho recinto.

Como vimos, a presença da mulher nesta festa é central. Na angariação de fundos para a festa, na composição dos andores e da Capela, elas assumem posição de destaque. Depois, na procissão cantam, no convívio são as responsáveis pela comida que se consome e, a encerrar a festa, rezam o terço. Cada uma das atividades relatadas tem o seu espaço na festa. Não está escrito em lado nenhum, mas são espaços de mulheres.

3. ORGANIZAR A FESTA GRANDE

A organização da festa do Santo, como é também nomeada a romaria de Santo Antão da Barca, no primeiro fim de semana de setembro, requer uma maior preparação que a festa realizada no mês de Maio. É uma romaria à qual afluem visitantes dos mais variados lugares do concelho, do distrito e mesmo de zonas exteriores a Trás-os-Montes. Hoje já não tem o fulgor do passado, quando chegou a ser considerada a maior festa do distrito e o entusiasmo era imenso:

Agora lembro-me daqueles tempos em que realmente havia muito entusiasmo na festa do Santo; andava-se todo o ano a falar da festa do Santo, não é verdade? E quando chegava a festa do Santo era uma alegria, uma explosão de alegria. Mas nós passávamos a vida, enfim, a reinar, à noite era às voltas à Capela, só havia bandas, não havia conjuntos. E as bandas tinham três coretos, havia três coretos e as pessoas dançavam ao som do toque da banda. A banda não é como agora, era toda a noite; toda a noite havia banda, às vezes paravam uns, depois tocavam outros e tal, mas havia sempre banda a tocar. (Manuel Gouveia, EA)

Ao contrário da festa de Maio, que termina após o almoço, na de Setembro o arraial prolonga-se até de madrugada. Por ser uma festa de grande dimensão, requer uma preparação com mais antecedência:

A de Setembro, como é uma festa mais forte, a gente trabalha quase todo o ano. Fizemos as contratações com a banda, um conjunto; queríamos fogueteiro, mas o orçamento era pequeno, o fogueteiro por aquele orçamento não quis ir, creio que não vamos ter foguetes este ano. Portanto, isto também está em crise, temos feito pouco dinheiro, também vamos ver, vamos fazer lá a festa. Agora é que se organiza quase tudo no mês de agosto; é o mês em que vamos fazer as cobranças da Irmandade e depois organizar o resto. (Luís Pereira, EA)

Se a componente profana é da responsabilidade exclusiva da gerência da Confraria, já a religiosa é realizada em colaboração com o pároco da aldeia de Parada. Segundo o testemunho do padre Francisco Pimparel, a sua colaboração é sempre solicitada pela Confraria, regendo-se de acordo com os seus estatutos:

O papel do padre, no fundo, é o aspeto da espiritualidade, não é? E como os estatutos da Confraria o indicam [...], é celebrar toda a parte religiosa, assegurá-la e orientá-la. Podemos, por estas palavras, orientar, assegurar e zelar por isso. O papel principal vai ser sobretudo no primeiro sábado de setembro. O padre tem que organizar as confissões, [...] nesse dia, lá em baixo. Depois as vésperas cantadas com o povo, as vésperas que são a oração oficial da igreja, cantada como dizem os estatutos, depois a eucaristia e a procissão. No fundo é esse o papel do sacerdote. (Padre Francisco Pimparel, EA)

A preparação do lugar do Santuário é efetuada durante a semana prévia ao dia da romaria. Nesse período, como veremos com detalhe mais à frente, vários elementos da Confraria mudam-se para o Santuário e dedicam-se a arranjar o lugar, limpando e preparando os espaços sagrados para a grande festa. A Capela não é utilizada desde a festa de Maio e as imagens levam já mais de quatro meses no seu interior, sem cuidados de maior. Necessitam, pois, de um trabalho fundo de revisão e limpeza, pois a festa de Setembro é, importa repetir, a grande festa do Santuário.

Neste processo, a divisão do trabalho em termos de género também se faz sentir. Os homens procedem à revisão dos andores e imagens, enquanto as mulheres se ocupam da limpeza do templo e da decoração dos andores. Se entrarmos na Capela uns dias antes da romaria, verificamos que se trabalha com afinco mas de modo muito informal, situação que contrasta com a solenidade da missa e da procissão. No caderno de campo escrevemos a 30 de agosto de 2012, dois dias antes da procissão:

CADERNO DE CAMPO, 30-08-2012

Na Capela está o Sr. Luís, o Sr. Maia, a Elisabete, a Diana, a Lúcia e outra senhora. Os homens estão a compor o Divino Senhor. É uma figura de madeira cujas pernas se desmontam. Na altura em que entrámos na Capela, a imagem estava sem pernas. O Sr. Luís e o Sr. Maia tentavam recolocá-las com o maior empenho. A operação não é simples. Há que desaparafusar a imagem do andor, puxá-la para cima e colocar a meia perna. Debaixo do pé colocam uma pequena almofada da mesma cor da capa da imagem. Enquanto a operação era realizada pelos dois homens, as mulheres estavam sentadas nos degraus da Capela, comentando a situação, em

completa descontração e infringindo a regra ditada pela tradição, que impede a sua presença no templo quando se realiza uma tarefa desta natureza. Compostas as pernas, colocaram a Cruz no ombro da imagem. Uma cruz feita de duas partes, fundamentalmente em madeira. As mulheres também comentaram os cabelos da imagem. De comprimento apreciável, estavam algo despenteados, situação que as levou a penteá-los. Referem que o cabelo foi comprado já há uns anos, mas antigamente era oferecido por mulheres e raparigas na sequência de promessas. Cada menina dava um bocado de cabelo. O cabelo sempre foi encaracolado.

O trabalho de preparação dos andores e das imagens é feito por elementos masculinos responsáveis pela festa. Aliás, este é um dos poucos momentos em que todos trabalham no mesmo lugar, pois todas as outras tarefas são cumpridas em diferentes espaços do Santuário. Enquanto grupo, partilham certas cumplicidades que permitem brincar com situações e formas de realizar o trabalho. Mas temos de ser conscientes de que, dentro desta familiaridade e confiança, o grupo de pessoas que trabalha na Capela trata as imagens quase como pessoas. Entram na conversa e são mencionadas. De facto, o processo de as ajeitar, limpar e remover os seus membros é muito parecido com o processo de vestir uma criança, e a interlocução com elas é constante.

No processo de ajeitar o Divino Senhor da Barca, imagem mais complexa pela sua posição em genuflexão e articulação, as pessoas falam com ele. Isto é interpretado como um signo de conformidade com o trabalho que se está a realizar. Mas, se a relação é informal, nem tudo pode ser dito ou feito com as imagens. Há uma atitude respeitosa, sobretudo nos momentos em que a imagem se encontra mais “vulnerável”, sem pernas e sem hábito. O facto de a pessoa mais nova presente não dirigir intencionalmente o olhar para a imagem traz à colação a existência de códigos de conduta que regulam o comportamento das pessoas na relação com o corpo.

Os comentários e brincadeiras não só se referem ao trabalho mas também às rivalidades homem-mulher que põem em questão as habilidades de cada um na execução das respetivas tarefas. O lugar da Capela é um lugar de trabalho quase totalmente reservado às mulheres. Só neste dia coincidem todos, elas e eles. Uma vez as imagens e os andores arranjados, os homens vão embora e ficam as mulheres. O seu trabalho é, mais uma vez, limpar a Capela, enfeitar os altares com panos bordados e compor os andores com flores e panos.

A decoração é um labor que só é realizado no dia anterior à procissão. Se muitas flores foram compradas pela Confraria, outras são oferecidas

por particulares como pagamento de promessas. O oferecimento está em estreita relação com as promessas de que falámos no Capítulo 4. Na atualidade as flores são o principal elemento decorativo. Nos últimos anos, uma florista tem colaborado com a Confraria na decoração das imagens. Mas não foi sempre assim. Durante a maior parte do século XX os andores eram enfeitados com panos bordados. Antónia Ferreira fala desses panos e de como ela mesma os bordava e colocava nos andores.

Na parte profana está incluída a contratação da banda e do conjunto musicais, os comes e bebes, o fogo de artifício, a preparação do recinto e a limpeza dos edifícios que fazem parte do santuário do Santo Antão da Barca. Todos estes trabalhos são realizados por membros da Confraria. Requerem alguma organização e divisão de tarefas, nomeadamente com base no género – à semelhança do que foi acima descrito para a festa de Maio –, de forma a que não se verifiquem sobreposições na execução. A contratação do conjunto musical que fará a noite de sábado, momento sempre aguardado, sobretudo pelos mais novos, é da responsabilidade de Luís Pereira, em articulação com os restantes membros da direção da Confraria. A contratualização é antecedida de uma avaliação precisa dos recursos financeiros disponíveis, estabelecendo-se sempre um orçamento que irá balizar as negociações com as bandas de música a contactar. Por vezes fazem-se contactos prévios, solicitando às bandas o respetivo orçamento. Só depois, feita a avaliação comparativa, é que é feita a escolha. No ano de 2012², devido à construção da barragem e à incerteza daí resultante – havia dúvidas sobre se a festa se iria realizar já no novo espaço, ou sequer se se realizaria –, a escolha

2 O mesmo se verificou na festa de 2013, agora devido à incerteza da sua realização. A decisão foi tomada muito tardiamente e debaixo de alguma contestação, pois eram numerosas as vozes que se opunham a que a festa se realizasse na aldeia de Parada, como veio a acontecer. Uma vez que o velho Santuário estava já em situação de desmantelamento e o novo ainda não estava concluído, este era o único local disponível.

foi feita de modo expedito: “Este ano até nem pedimos nada. Foi assim um bocado em cima da hora, pronto, falámos e acordámos” (Luís Pereira, EA).

A preparação do recinto, sem utilização desde a festa de Maio, exige uma limpeza profunda geral, com destaque para o interior dos edifícios. Os trabalhos são divididos, como acontece na preparação da festa de Maio e conforme a tradição, em função do género: os homens ficam com as tarefas fisicamente mais exigentes e a utilização de artefactos, fazendo a limpeza dos espaços exteriores do Santuário, enquanto as mulheres cuidam do interior dos edifícios, em especial da Capela, da preparação dos andores e praticamente de tudo o que se relaciona com a parte religiosa.

ENT. – Mas o trabalho dos homens e das mulheres nas festas está dividido?

LUÍS PEREIRA – Cada um tem as suas tarefas. Os homens têm umas tarefas. A parte das limpezas da Capela é das mulheres, arranjar aquilo tudo. Dantes era preciso colocar bandeiras, fios para a luz, não havia lá luz eléctrica, era preciso pôr o gerador, um motor ou qualquer coisa para dar energia; eram os homens que tratavam disso. Pôr os paus, as bandeiras, pôr os tais festões; eram os homens que enfeitavam. Iam a saber de canas, de paus e tudo. Agora já não é preciso, já está tudo, aqueles ferros e bandeiras, já está tudo preparado, já... Aquilo era dos homens, era uma semana que o pessoal baixava lá para baixo e estava ali a semana inteirinha...

ENT. – Ainda se passa isso?

LUÍS PEREIRA – Não. Agora já não é tanto assim porque agora a gente vai e vem de carro, agora [bastam] dois ou três dias. Porque agora vamos lá durante o ano, no verão, um dia ou dois, e damos ali uma limpadela à maior parte e pronto. Preparamos as coisas e depois só naqueles dois ou três dias é que acabamos de arrumar; é diferente. (Luís Pereira, EA)

Assim, em conformidade com o mencionado pelo nosso informante, as tarefas desenvolveram-se da seguinte forma: a ida para o Santuário foi numa terça-feira, 28 de agosto, uma vez que a festa se realizaria no sábado, dia 1 de setembro. Semana de trabalho intenso, nestes dias havia muito a fazer até ao dia da festa.

Para além dos responsáveis pelas festividades, outras pessoas disponibilizaram-se para colaborar, pois pelo Santo Antão da Barca não se regateiam esforços. Descreve uma jovem da Confraria:

DIANA PEREIRA – A preparação da festa, como normalmente, implica um trabalho árduo durante toda a semana. Quer para nós, comissários, quer pela mobilização de várias entidades que vêm aqui colocar barracas. A *Superbock* vem trazer a cerveja, o conjunto musical. Mas quer saber mais ou menos o que é que a gente está a fazer agora?

ENT. – Claro!

DIANA PEREIRA – Olhe, na terça-feira começámos a fazer limpezas, porque como isto está um bocado ao abandono, não é?... não é habitado, cria-se muito lixo. Isto também é um tanto ou quanto velho, a Capela, a Casa dos Milagres, o Museu, e temos muito que limpar e é muito lixo mesmo. E depois o que é que fizemos? Quarta-feira limpámos ali o adro, onde é a missa campal, demos um jeitinho também na parte de fora, tirando aquelas folhas velhas e assim. E depois, ontem [quinta-feira] estivemos também a acabar limpezas, veio a *Superbock* montar as máquinas, limpar – limpar o bar, limpar o nosso quarto [na Casa do Ermitão, onde pernoita parte dos comissários ocupados com a limpeza do recinto]. Ontem estivemos aí, foi sempre com mangueira ligada, a passar porque é muito pó, é muito pó; a passar a mangueira no bar, a passar ali onde vai ser, onde vai estar a máquina do café. Depois montaram

a barraca do bazar, montaram aí esse estaminé do café, porque tem dois. O que é que fizemos mais? Porque é tanta coisa... Depois limpámos os nossos quartos, porque cada um é responsável pela limpeza dos quartos. Esses salões aí onde a gente come, a cozinha e essa sala onde comem os padres, foi tudo limpo também. (Diana Pereira, EA)

Para além das tarefas já acima mencionadas, existe outra que é da exclusiva responsabilidade dos homens: a preparação dos tremoços, que não podem faltar na oferta gastronómica de qualquer festa popular. Depois de adquiridos, normalmente a pessoas da aldeia de Parada que os cultivam, são colocados em grandes recipientes com água durante cerca de dois dias, o tempo necessário para uma demolha adequada. De seguida, normalmente na véspera da festa, são cozidos em panelas de assinalável dimensão durante aproximadamente cinco a sete minutos. Realizada esta ação, são colocados no chão, em cima de telas plásticas, a arrefecer durante oito a dez horas, para de seguida serem mergulhados no rio Sabor dentro de sacos de serapilheira, aí permanecendo durante um dia completo. Por fim, os tremoços são retirados do rio para a derradeira operação, a salga, após o que são distribuídos gratuitamente no bar a todos os romeiros.

Explica Luís Pereira, o primeiro responsável pelo processo, acompanhado na conversa por Olímpio Ginja:

LUÍS PEREIRA – Estamos a cozer os tremoços.

ENT. – Sim... e como é que os tremoços são preparados, vêm de onde?

LUÍS PEREIRA – Os tremoços vêm, quer dizer, são cultivados ali na aldeia de Parada. E diz o ditado...

ENT. – Na sua terra?



88

Luis Pereira observando o fogo onde serão colocadas as panelas com os tremoços.

LUÍS PEREIRA – Não foi na minha terra, comprei-os a um vizinho.

E diz o ditado, tremoço para ser bom tem de ser bem demolido e mal cozido. Nós pomos aqui, dois dias de molho e para cozer são cinco a sete minutos... Com a fervura rápida, rápida, cinco a sete minutos a ferver, estando sempre certo o lume, sempre certo, cinco a sete minutos, pronto. Deixam-se estar agora aqui umas oito ou dez horas a arrefecer, depois vão para a água corrente [no rio Sabor] durante mais ou menos vinte a vinte e quatro horas. Ao fim deste processo, vêm para cima, [são] postos nas barricas e temperam-se com sal. E a partir daí, a partir de umas horas estão bons para comer.

ENT. – Mas as mulheres nunca cozeram os tremoços, sempre foram os homens?

LUÍS PEREIRA – Podem ajudar ou assim, mas não me lembro.

OLÍMPIO GINJA – Sempre foram os homens.

Nesta festa, à semelhança do que se tem verificado nos últimos anos, o conjunto musical atua no reboque-palco de um camião articulado, tocando música contemporânea de cariz eminentemente popular. Apesar das dificuldades de acesso, em terra batida, marcada por troços de inclinação acentuada, o camião consegue fazer o percurso desde a estrada principal até ao Santuário, algo que contrasta com o passado vivido até meados da década de 1980. De facto, ao longo do tempo verificaram-se diversas mudanças: as bandas de música chegaram a ser três; hoje só atua uma, que acompanha a procissão, seguindo-se um concerto, que começa por volta das 22h00, com o qual encerra a sua presença. A diversão pela noite dentro, que em tempos idos era assegurada pelas bandas contratadas, cabe hoje ao conjunto musical. Os taberneiros também já não se fazem presentes, ficando a cargo da Confraria a venda das bebidas.

Antigamente, o acesso ao Santo Antão da Barca era muito difícil, inacessível à maior parte das viaturas automóveis, restando os animais, sobretudo burros e machos, como únicos meios de transporte:

Eu conheço o Santo Antão da Barca desde pequenino, cinco anos, seis anos. Íamos ao Santo Antão da Barca por um caminho velho, por um caminho de cabras, e íamos lá a pé, ou íamos de macho, [...] de burro. E mais tarde é que começaram a abrir o caminho de cima, o caminho largo, para carros, para automóveis, para o nosso próprio carro de machos – porque não ia lá –; depois o carro de machos e de bois é que ia, começou a ir lá depois do caminho estar assim alargado. (Manuel Gouveia, EA)

Como os romeiros passavam a noite no Santuário, havia que garantir larga animação. Não raro, eram contratadas três bandas de música, muitas vezes tocando ao desafio. Como lembra um dos nossos informantes mais idosos, frequentador habitual da romaria: “Toda a noite tocava uma

e depois tocava a outra, e depois parava e tocava a outra. Agora vai lá uma e um conjunto e vai-se logo embora.” O seu depoimento é corroborado por outro que lembra que “agora chega a meia-noite e já não há lá quase ninguém. E dantes estavam lá até de manhã porque vinham a cavalo nos burros”.

Outra contratação que não podia faltar era a do fogo de artifício. Não raro, este envolvia despique entre os diversos fogueteiros presentes, podendo dar origem a escolha por parte dos presentes: “Era na subida do fogo, na... digamos, no aparato, naquelas figuras que eles fazem de fogo de artifício [...]. Depois o publico é que elegia” (Luís Pereira, EA). No final da sua atuação era atribuído um prémio que, por vezes, significava um pagamento adicional ao valor inicialmente acordado.

No que se refere aos comes e bebes, o Santuário era frequentado por taberneiros, alguns de Parada, outros provenientes de aldeias do concelho de Alfândega da Fé e mesmo de fora deste. Além disso, a Confraria também tinha o seu bar. Antes da existência do caminho que permitia a chegada das viaturas motorizadas ao Santuário, as bebidas eram transportadas no dorso de animais de carga. Em grandes caixas e grades de madeira, faziam um ruído muito característico e bem audível: “Iam cá ao cimo do Rebentão, já iam a rugir, truca, truca, truca. E eu dizia assim: ‘Ó minha mãe, já vêm além os comissários a levarem a cerveja’ [*risos*]. Depois faziam muito barulho, as grades das garrafas” (Alda Garcia, EA).

Durante muitos anos subsistiu o problema da refrigeração das bebidas, em especial da cerveja, devido à inexistência de equipamentos de frio, pelo que o gelo também tinha de ser transportado. Certo ano, um dos comissários, não estando contente com a forma de manter as bebidas frescas, resolveu solucionar de forma definitiva o problema. Para o efeito dirigiu-se a Alfândega da Fé, onde adquiriu uma arca frigorífica para uso da Confraria durante as festas. Na descrição da nossa informante Maria da

Graça Cordeiro, viúva do comissário responsável por essa aquisição, nessa noite a arca foi a grande novidade. Viria a revelar-se um bom negócio para a Confraria, pois a preservação da frescura das bebidas proporcionava um maior consumo: “Ora, aquilo foi vender cerveja que foi o fim do mundo” (Maria da Graça Cordeiro, EA). A venda das bebidas e alimentos sólidos não era só efetuada pela Confraria, pois na festa estavam taberneiros de vários locais, estimulados pela forte afluência de visitantes à festa de Santo Antão da Barca. Era uma festa que juntava muita gente, e os comerciantes não perdiam a oportunidade de colocar lá os seus produtos à venda:

ENT. – Também havia taberneiros que iam para lá...

M. GRAÇA CORDEIRO – E também havia taberneiros porque o pessoal era muito, juntava-se ali muita, muita gente.

ENT. – Os taberneiros eram daqui de Parada?

M. GRAÇA CORDEIRO – Vinham de lá de fora e daqui de Parada também... Traziam uns barracos e também davam lá de comer. Mas a Comissão também vendia mais porque também não explorava tanto, vendia mais barato.

ENT. – A Comissão?

M. GRAÇA CORDEIRO – A Comissão de festas. Por exemplo, enquanto os taberneiros levavam muito mais caro, a Comissão fazia um desconto às pessoas, e eles sabiam que ali era mais barato.

ENT. – Mas parte do que vendia a Comissão era oferecido pelas pessoas, ou não?

M. GRAÇA CORDEIRO – As pessoas ofereciam um bocado e outras compravam. Pois se iam buscar os frangos, não se ia dar, tinham que se comprar e depois ali havia de tirar dinheiro para o pagar.

A festa era aproveitada por diversas pessoas para venderem produtos, quase sempre de confeção caseira, de modo a realizarem algum dinheiro,

sempre útil em época de severa escassez. Uma dessas pessoas era a Ti Germana. Como bem lembram repetidamente os nossos informantes, não se realizava festa sem a sua presença, sempre acompanhada do seu licor, denominado *pirolito*. Apesar das críticas de muitos, que dizem que o licor era feito de água, açúcar e chá, fazia parte da festa, pelo que “muitos levavam o seu tostão para beber uma garrafinha de pirolito”:

Dantes a gente ia à festa do Santo, era a festa que tínhamos aqui, íamos à festa do Santo. Levávamos tanto como o que tenho nesta mão, onde estava o dinheiro? Quem é que o tinha? Levávamos um tostão ou dois para beber um licor, a uma mulher que morava, que lhe chamávamos a Ti Germana... Eram de água doce... [*risos*], botavam-lhe um bocado de açúcar e assim numas garrafitas pequeninas. Chamávamos-lhe o pirolito... (António Ribeiro, EA)

Apesar da carência de dinheiro, a larga afluência de romeiros assegurava a venda de uma grande diversidade de produtos em quantias razoáveis. Para além dos que eram propositadamente transportados para a festa, não faltavam também os peixes do rio Sabor: “Passávamos ali dias a destripar e a fritar peixe, tudo se vendia para [os romeiros] comerem” (Maria da Graça Cordeiro, EA). Normalmente o peixe era acompanhado de pão e vinho, a bebida que até aos anos 1980 era a mais consumida. O seu consumo era de tal forma elevado, que justificava mesmo o transporte de tonéis de madeira para a festa.

Em síntese, a organização da festa requer uma boa coordenação e empenho de todos os envolvidos. Para isso é crucial que os responsáveis da Confraria consigam a adesão de pessoas para a execução das diversas tarefas. Apesar de trabalhosa, no dia da festa está tudo pronto para que os romeiros possam ser bem acolhidos. À semelhança das festas anteriores,

89
Viaturas dos
romeiros
serpenteando o
caminho de terra
que dá acesso ao
Santuário.



a diversão está garantida, sem que o sagrado seja esquecido. À medida que a noite avança, os romeiros vão abandonando o recinto, e os responsáveis da Confraria começam já a planear, mentalmente, a organização da festa do ano seguinte: contratações da banda de música, do conjunto, do fogo de artifício, dos comes e bebes e demais aspetos necessários à boa execução da festa do Santo Antão da Barca, sempre dependentes das verbas que se consigam reunir.

4. O MOMENTO SAGRADO: A MISSA SEGUIDA DA PROCISSÃO

Finalizados os preparativos da festa, testados os equipamentos, chegados os romeiros e a banda de música, aproxima-se o momento do sagrado, por todos esperado, vivido com especial intensidade pelos mais devotos, em especial as mulheres de idade avançada.

A banda de música entra no adro da Capela, guiada pelo seu diretor e tocando em formação. À frente, vários elementos da Confraria encabeçam a comitiva. No ano de 2012, a banda parou frente à Casa dos Milagres e virou em direção à Capela. Ali interpretou uma música, dando a volta ao templo e saindo pelo mesmo lugar pelo qual tinha entrado. Uma vez fora do recinto, virou para Miragaia e desfilou até ao seu casario. O passo da banda é vivo e o ritmo é de marcha. Chegados a Miragaia, param, continuam a tocar e dão meia-volta. Pouco depois entram novamente no recinto do Santuário e rematam tocando frente à Capela.

Entretanto, os arranjos finais para a missa campal estão em curso. O altar campal está a ser composto. Os bancos, a mesa do padre, as toalhas e os candelários são colocados por mulheres da Confraria. Tudo tem a sua ordem. O maior cuidado é na colocação dos panos no altar. As mulheres compõem aquelas teias limpas, brancas, esticadas e com delicados bordados nas suas pontas com a delicadeza de quem trata de um bebé. Nesse dia o vento torna difícil o trabalho. Detrás do altar, colocam-se cadeiras para alguns músicos da banda. A microfonia é verificada e preparada para o padre celebrar a missa e pregar aos presentes. Frente ao altar, colocam-se bancos para os andores e bancos para as pessoas se sentarem durante a homilia. Tudo está preparado para a missa da romaria, que será a última no velho santuário do Santo Antão da Barca, junto ao rio Sabor.

As pessoas aguardam à sombra, ao pé da Capela, abrigadas do sol quente de fim de verão. Os músicos da banda fazem o mesmo, esperando

o momento da procissão. No bar da Confraria tiram-se os primeiros finos. Maioritariamente são homens os que bebem nesta altura da festa. Junto ao edifício, vendem-se as senhas. No bazar, os curiosos compram bilhetes numerados. Aos poucos, os objetos doados por particulares desaparecem das prateleiras do bazar. Na Casa dos Milagres reparte-se o boletim da Confraria e vendem-se recordações do Santuário: postais com a imagem do Santo Antão da Barca e o livro de António dos Santos Lopes, aqui já referido. A Casa dos Milagres é um lembrete das intercessões realizadas pelo Santo e as diferentes imagens do Santuário. Fora do adro, um trator guiado por dois jovens da aldeia de Parada rega o percurso da procissão e o caminho de acesso ao Santuário. Os camiões que trabalham na construção da barragem, a falta de chuva e o chão de terra fazem do lugar um imenso campo de poeira. Já no interior da Capela, os andores estão enfeitados para a procissão. Cada imagem tem um adorno diferente conforme as flores oferecidas ou compradas. Todas estão dispostas nos seus andores, com os cofres de esmolos ao pé delas.

Nos momentos anteriores à procissão, o trabalho intensifica-se. Tudo tem de estar bem arrumado e colocado nos seus devidos lugares. O padre não participa neste trabalho, que é da responsabilidade da Confraria. Os seus membros procuram tudo controlar, seja relativo ao sagrado, seja relativo ao profano. Se alguma dúvida surge na colocação de qualquer elemento na composição do altar ou dos andores, a resposta é dada, em último recurso, por um dos membros da direção da Confraria. Mas, para chegar a este ponto, temos de atender aos dias prévios de trabalho de arrumação da Capela e de preparação dos andores, das imagens e demais elementos que fazem parte da procissão.

Uma vez decorados os andores, colocam-se por ordem dentro da Capela e só se pega neles antes de começar a missa. Quem é que pode pegar nos

andores? Todos os fiéis o podem fazer, mas existem certas regras. Das imagens que saem na procissão, há algumas que são exclusivamente transportadas por mulheres. São os casos do Anjo da Guarda e do Santo Antão da Barca³. Os homens levam a do São João e a do Divino Senhor da Barca. As outras imagens são levadas indistintamente por homens e mulheres. Não há uma razão conhecida para esta divisão. No caso do Divino Senhor, quem leva o andor são elementos da Confraria, homens com uma capa azul. É o andor mais pesado e cada portador leva uma vara, que termina em forma de forcado, para o ajudar a suster nos momentos de descanso.

Normalmente, quem leva o andor tem uma promessa a cumprir. Antes da procissão, há algumas pessoas que marcam o andor que querem transportar com um pano branco, em sinal de reserva. Em conversa com um homem de Vilar Chão, este referiu que todos os anos oferece uma certa maquia ao Santo e leva o andor durante uma parte do trajeto. Conforme as pessoas tenham prometido, assim atuam em relação aos andores. Pode haver pessoas que prometem levar o andor durante toda a procissão, outras somente um pedaço do trajeto. Porém, como são muitos os interessados, e de forma a evitar possíveis conflitos e polémicas, para garantir que todas as intenções de promessa são atendidas, procede-se sempre a uma repartição dos lugares nos andores.

Com o trabalho terminado, iniciado vários dias antes da procissão, instala-se o silêncio na Capela, em manifesto contraste com a agitação e o ruído dos dias anteriores. Os andores têm os seus portadores, chamados pela Confraria, à semelhança do que se verificou nas últimas festas no Santuário. A saída das imagens da Capela é efetuada pela seguinte ordem:

3 Até meados do século XX, a figura do Santo Antão que participava na procissão era outra, segundo o referido pelas pessoas mais velhas. Na sacristia da Capela há uma pequena imagem do Santo Antão da Barca de apenas 30 cm de altura. Essa era a imagem que fazia a procissão. Não tinha andor, sendo levada em mão por um dos participantes.

estandarte vermelho sem inscrições; estandarte morado com uma figura do Divino Senhor da Barca e o nome *Parada*; estandarte branco com uma figura do Santo Antão da Barca com a inscrição “Se queres ser perfeito vai e vende tudo o que tens e dá tudo aos pobres e terás um tesouro no céu”; três homens de capa vermelha com uma cruz e dois candeeiros; por fim, as figuras da Pomba, do Anjo da Guarda, de São João Batista, de Nossa Senhora dos Remédios, do Santo Antão da Barca e do Divino Senhor da Barca.

Logo após as imagens segue um grupo de acólitos, o padre, a banda de música encabeçada pelo seu maestro e os demais leigos. Esta ordem não se modificará durante a procissão. Saindo da Capela, as imagens param no altar campal, viradas para o padre, com a exceção da do Divino Senhor e da do Santo Antão da Barca, voltadas para as pessoas ali congregadas. No altarmor posicionam-se os três homens de capa vermelha, alguns elementos da banda, os acólitos e o próprio padre. A missa começa... é campal, cantada e com sermão especial sobre o Santo Antão. Estes factos eram e são objeto de reconhecimento e parte da propaganda histórica da festa. O lugar da missa, ao ar livre, e a inclusão de um sermão proferido por um bom orador são publicitados. Resultam significativas, neste sentido, as palavras dos cartazes dos anos 1980 e 1991: “Missa campal com sermão por um eloquente orador sagrado” no de 1980; em 1991, a descrição, mais detalhada, esclarece os fiéis que: “às 18 horas missa solene campal no adro do Santuário, presidirá a celebração o pároco de Parada e reitor do Santuário, o sermão estará a cargo do ilustre orador sagrado Padre Adérito”. Além da devoção, da qualidade do conjunto, da banda e dos fogueiros, uma festa aumenta o seu prestígio pela qualidade dos seus padres.

E claro, a presença dos padres, como a dos conjuntos, não é grátis. Os sacerdotes não comparecem graciosamente e, por vezes, não vêm só os convidados, pois um padre pode aparecer na romaria e a direção da Confraria



90 | 91
Momentos da
missa campal.

92 | 93
Momentos da
missa campal.



tem obrigação de o incorporar no leque de oficiantes da missa. Em conversa com Luís Pereira, podemos apreciar esta dinâmica:

LUÍS PEREIRA – Sim, na missa e ofícios. Depois nós tínhamos que lhe pagar, o padre apresentava as contas e tínhamos que lhe pagar, a ele e aos que aparecessem, isso era mesmo dos estatutos.

ENT. – Embora não fossem convidados...

LUÍS PEREIRA – Embora não fossem convidados, mas os padres que aparecessem para assistir e colaborar na cerimónia religiosa, nós pagávamos-lhe o serviço.

ENT. – E o serviço tinha um preço determinado, ou cada padre...

LUÍS PEREIRA – Cada padre é que apresentava a conta.

A mesma conversa se repete em diferentes entrevistas. Celeste Branco conta algo parecido: “Olhe, havia lá sempre; todos os padres que lá aparecem davam-lhe de comer.”

Na documentação da Confraria estão anotadas as despesas dos padres nas diferentes edições da romaria, bem como os orçamentos da diocese indicando o valor de cada serviço. Num documento sem data, podemos ver que o sermão são 300\$00, a missa cantada 500\$00 e os foguetes 1200\$00. Em outros anos, as quantidades são diferentes. Por exemplo, no ano de 1925, para missa cantada e pregador, pagaram-se 1000\$00. Já em 1986 foram 25 500\$00 pelos “senhores padres”.

A relação com os padres nem sempre foi isenta de censura e comentários menos abonatórios. Os romeiros separam muito bem os padres da devoção aos diferentes santos. Tanto comentam o sermão do padre ou o seu ofício como comentam as músicas da banda, o conjunto ou os fogos de artifício. Um padre pode ou não “prestar”, pode ser um bom ou mau padre. A figura do pároco fica sujeita ao escrutínio da população. Reproduzimos uma conversa entre pessoas de Parada:

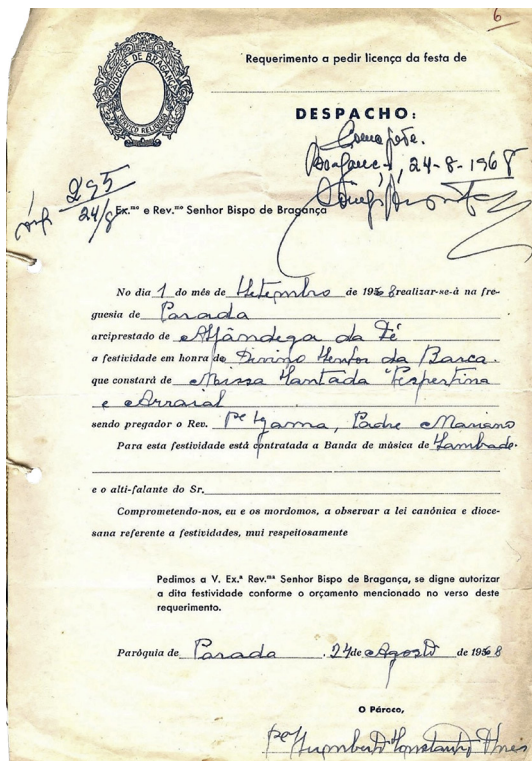


Fig. 5
Requerimento enviado ao bispo de Bragança, solicitando autorização para a realização da festa em 1968 (arquivo da Confraria).

- Os padres era a pior coisa que lá havia. Porque... sabe porquê? Todos os padres que lá aparecessem, todos ganhavam...
- Às vezes eram meia dúzia...
- Meia dúzia, todos os que aparecessem ganhavam, percebe? E comiam, e depois ainda comiam do que era bom e do que era melhor, era para os padres, eram todos quantos aparecessem.

Obviamente, não estamos perante posições e discursos anticlericais ou contra a Igreja católica, mas antes perante uma certa censura ao que os fiéis olham como um “aproveitamento” pessoal por parte dos clérigos, que não se confunde com a fé e a devoção, nomeadamente aos santos, jamais inquestionada. De certo modo, este conflito, bem conhecido da sociologia rural portuguesa, exprime as tensões resultantes das diferentes posições sociais ocupadas pelos indivíduos no meio rural, no qual a desigualdade social entre uns e outros é muito marcante. Neste caso concreto, confronta-se o trabalho de uns e a folga de outros, os padres, cujos comportamentos acentuavam a distância em relação aos camponeses⁴. Apesar das mudanças ocorridas nas últimas décadas, estas representações sobre os religiosos mantêm ainda

4 Esta diferença tem sido detetada em diversos contextos etnográficos em Portugal. Veja-se Riegelhaupt (1973, 1984), Cabral (1989: 236), Brettel (1991: 75-78), Silva (1994), Sobral (1999: 310-314) ou Jablonski (2009: 246).

uma certa resiliência, estando presentes na memória dos mais velhos. A distância que separa o mundo dos padres acentua-se pelo facto de a romaria do Santo Antão da Barca ser gerida pela direção da Confraria.

Voltando à missa, ela decorreu em 2012 com vento e, no ano seguinte, na aldeia de Parada, com chuva⁵.

As pessoas, em silêncio, atendem o ofício. Várias moças da banda de Alfândega da Fé cantam durante a missa, acompanhadas por alguns instrumentos. Antes de começar a procissão, em representação da Confraria, Teresa Afonso sobe ao altar para ler umas palavras de agradecimento ao padre, que se prepara para mudar de paróquia. Pouco depois, tem início a procissão.

Encabeçam a procissão os três estandartes já mencionados, seguidos da Cruz e de dois candeieiros que a custodiam. As imagens seguem pela ordem referida: Pomba, Anjo da Guarda, São João Batista e, depois,

5 Ao contrário do que estava previsto, mas tido sempre por muito improvável, o novo espaço não ficou pronto para nele se realizar a festa de 2013. Assim, esta foi realizada na aldeia, depois de alguma discussão e mesmo oposição por parte de alguns irmãos de Parada, tendo como centro a igreja. A chuva, inesperada nesta época do ano, impediu a missa campal na praça em frente à igreja, obrigando a que a mesma fosse realizada no seu interior. A procissão percorreu as ruas de Parada, já sem chuva. Por fim a festa noturna realizou-se no largo da entrada principal da aldeia. Apesar do entusiasmo e empenho da Direção, a afluência de romeiros foi bem menor, revelando que as festividades desse ano foram vistas por muitos como um momento intercalar, de certa forma uma transição até 2014, ano em que a festa se fará já no novo Santuário.

Orçamento da festa de *Divino Senhor da Barca* 6
Freguesia de *Parada*

Novena	\$
Tríduo	\$
Missa cantada	500 \$ 00
Sermão	300 \$ 00
Ornamentação	\$
Banda de música	2.000 \$ 00
Alti-falante	\$
Foguetes	1.200 \$ 00
	\$
	\$
	\$
Total	4.000 \$ 00

O Presidente da Comissão ou Mordomo,
João dos Santos Sales

O Pároco,
Permitindo o tempo a missa cantada no festivo para as alturas no recinto do adro como nos anos anteriores
Pr. Manuel Constantino Soares

Taxa	400 \$ 00
Timbres	1 \$ 00
Correios	1 \$ 00
Total	402 \$ 00

O Tesoureiro da Diocese,
[Assinatura]

N. B. — No requerimento deve ser mencionado o nome do proponente, do proprietário do alti-falante e da Banda de música. O alti-falante só deve ser contratado depois de se certificarem de que o seu proprietário está munido da respectiva licença. O proprietário do alti-falante obedecerá rigorosamente as instruções do Rev. Pároco em Capela, conforme o compromisso feito na ocasião em que lhe foi passada a licença, devendo o Rev. Pároco ou Capelão comunicar-nos qualquer transgressão a fim de lhe ser retirada a licença.

Fig. 6
Orçamento da festa em 1968
(arquivo da Confraria).

as três imagens principais: Nossa Senhora dos Remédios, Santo Antão da Barca e Divino Senhor da Barca. As imagens são seguidas pelos padres e por um grupo de acólitos, depois pelo diretor da banda de música e, imediatamente a seguir, pelos músicos que tocam. Logo depois caminham, em multidão apertada, os romeiros. As pessoas jamais se colocam à frente do padre, mas algumas incorporam-se na procissão entre este e a banda de música.

A procissão tem um passo descontínuo. Em todo o percurso para-se e anda-se continuamente. Os estandartes param porque o seu passo é mais rápido do que o dos andores. Entre os andores há aqueles que têm um passo mais ligeiro porque são mais leves. No Santuário, a procissão sai do adro pela porta da Casa dos Romeiros e caminha até Miragaia para dar a volta por cima dos coretos e entrar logo pela porta lateral, do lado das barracas. Dá uma volta à Capela, e as imagens entram nela na ordem inversa da procissão.



94
Momento da
procissão.





96 | 97 | 98

Momentos da procissão.

O primeiro a entrar é o Divino Senhor da Barca, depois Santo Antão e Nossa Senhora e, por fim, as imagens de São João, do Anjo da Guarda e da Pomba.

Durante a procissão, um elemento da Confraria pede esmola com um pequeno cesto, outros procuram ordenar o passo da procissão e garantir que nenhuma imagem fique atrás. A banda interpreta uma marcha solene, e as pessoas caminham em silêncio. Muitas delas em obediência a alguma promessa, e outras por ser este um momento sagrado de respeito às imagens. O silêncio da procissão vai desaparecendo à medida que se aproxima do seu final. Logo que entra no espaço sagrado, já não se ouve a banda de música com a mesma clareza, com os instrumentos abafados pelas vozes cada vez mais audíveis dos romeiros.



Uma vez a procissão acabada, os romeiros preparam-se para merendar. Porém, no recinto santo prossegue uma intensa atividade de devoção. Não são só as promessas que a alimentam, mas também a custódia da Capela. Um grupo de mulheres de idade avançada mantém-se na Capela de forma ininterrupta. No exterior o arraial começa, as pessoas bebem, dançam e brincam, enquanto no interior da Capela estas senhoras rezam no altar e nos bancos laterais. Há pessoas que entram e saem do templo durante toda a noite. Vão rezar aos santos, oferecer uma esmola, tirar fotografias. No seu interior, estas senhoras mantêm a oração de modo contínuo. Em certo sentido, fazem um coro protetor das imagens dos santos.

Uma destas mulheres é Antónia Ferreira. Sentada ao pé do altar, recebe os romeiros qual cicerone. Muitas pessoas falam com Dona Antónia. As de mais idade falam com ela sobre as relações de parentesco entre elas. As mais novas perguntam sobre o Santuário. Ela responde às dúvidas e perguntas das pessoas que se interessam pela história do Santo e do Santuário e cumprimenta vizinhos, amigos e familiares longínquos. Relata os milagres do Divino Senhor da Barca e do Santo Antão da Barca. Não só aquelas histórias da memória coletiva, mas os milagres que por ela fizeram as imagens. Age como voz e guia da Capela. A sua palavra é o testemunho vivo da tradição do Santo Antão da Barca. A sua idade, quase 90 anos, o seu trabalho no Santuário, as suas achegas à festa e certo sossego no seu falar fazem da sua voz uma autoridade dentro do templo. Tal como está situada nessa noite, como que faz parte do leque de imagens da Capela. Uma vez feitas as orações e diálogos com os santos, as pessoas falam com Dona Antónia, a memória viva do Santuário.

As mulheres custodiam a festa até altas horas da madrugada. Só vão embora no final, aquando da retirada dos cofres e do encerramento das portas da Capela por parte dos responsáveis pela festa.

Num tempo não muito distante, a festa terminava com a missa das cinco horas da manhã: “E depois, de madrugada, às cinco da manhã, ou isso, era celebrada a missa por alma dos irmãos falecidos. Tinham essa tradição. Mas isso já para aí – desde que morreu o padre –, já para aí quinze anos ou mais” (Luís Pereira). Ou seja, a missa ao alvorecer do dia de domingo era o fecho da festa. Quando rompia o dia, as pessoas recolhiam os seus animais e voltavam às suas casas pelos caminhos do Santuário. A romaria acabava com o ato sagrado da missa pelos irmãos falecidos, embora em certa documentação esteja escrito que era pelos sucessos dos festejos. De qualquer modo, mais uma vez, o sagrado e o profano têm lugares comuns e não podemos pretender compreender um sem o outro.

5. PELA NOITE DENTRO: COMENSALIDADE E FESTA

“Eu, para mim, a festa do Santo era a melhor coisa que me acontecia na vida. Não ia a lado nenhum.”

Celeste Branco, vizinha de Parada, 85 anos

A celebração em honra do Santo Antão da Barca é composta de vários elementos: devoção pelos santos que ali se veneram, trabalho necessário para organizar a festa e arraial onde as pessoas bailam, bebem, comem e se relacionam. Os três elementos estão unidos e é difícil separar cada um deles de forma inequívoca. A seriedade da devoção cristã em Trás-os-Montes contrasta com a música dos conjuntos, mas quem baila no arraial também o faz porque é devoto ou devota dos santos do Santuário. O trabalho das pessoas que compõem os órgãos sociais da Confraria é parte da sua devoção e todos partilham o objetivo de organizar uma festa e um arraial atrativos para conseguirem larga afluência de visitantes.

Falar de como os romeiros vivem e viviam a festa do Santo Antão da Barca é complexo. Além da devoção, do trabalho e da diversão, a festa inclui memórias e, sobretudo, um espaço concreto: o Santuário – dois planos intimamente unidos que não se podem compreender de forma independente. No que se segue, procuraremos oferecer uma visão da festa do Santo Antão da Barca centrando-nos no espaço e tempo do arraial, que, como veremos, não pode ser desligado das esferas da devoção e do trabalho. O passeio que aqui se propõe tem como guia a observação das celebrações dos anos 2012 e 2013, os relatos e recordações reproduzidas em conversas com os protagonistas das festas e as pesquisas no arquivo da Confraria.

A relação com o passado é sempre diversa. Se falamos das festas, os relatos são, normalmente, positivos. A festa é recordada com saudades, através

de histórias e contos que nos transportam para um mundo sempre melhor do que o presente. Nas conversas com os habitantes de Parada, o Santuário e a festa de Setembro ocupam um lugar privilegiado. Cada pessoa da freguesia tem, na sua memória, um lugar para a festa do Santo Antão e recordações concretas relativas ao Santuário. Espaço e memória formam um todo inseparável, retroalimentando-se.

As memórias da festa coincidem com as memórias da juventude, quando a festa era um horizonte de infinitas possibilidades e a preocupação era namorar, dançar, beber ou comer. No caso concreto da romaria, as memórias juntam-se a um presente etnográfico em que a ameaça da barragem é certa e a celebração da festa é vivida como a última no lugar de toda a vida. A percepção da perda do espaço da festa acentua as saudades de uma memória que será submersa. Em certo sentido, os romeiros do ano de 2012 pertencem a uma “casta” com espessura temporal, são aqueles que frequentaram a romaria do Santo Antão da Barca, ali onde sempre se fez. Os relatos ouvidos contêm a sombra da água que tudo vai cobrir.

Os mais velhos falam do tempo em que cultivava cereal e de como os romeiros desciam pelos caminhos nos seus machos e burros. De como na noite os animais formavam uma quarta música com os seus relinchos. Descer até ao Santuário era descer até um lugar composto por animais e pessoas às centenas. Falar do Santo Antão é falar do orgulho numa romaria de nível regional, conhecida em toda a região e aguardada por milhares de pessoas.

Mas, para falarmos do arraial, imaginemos antes os santos entrando na Capela. A procissão chega ao seu fim. É a hora das merendas, do profano!

As pessoas apressam o passo para ocuparem diferentes lugares fora do adro. Desde os coretos até o palco da música, abaixo do adro, o Santuário está rodeado de grupos de romeiros. As pessoas fazem de carros e carrinhas

mesas e cadeiras, ocupam os coretos, estendem toalhas no chão ou colocam mesas e cadeiras portáteis, mas ninguém fica sem lugar para a merenda. Não há uma lei escrita para reservar os lugares da merenda, mas de ano a ano cada família costuma merendar no mesmo lugar. O lugar da merenda não é fruto da improvisação. Contudo, ninguém é proprietário do espaço, nem há direitos adquiridos. Normalmente os espaços reservam-se no próprio dia. No caso do ano de 2012, antes da missa e da procissão, os coretos tinham cintas colocadas como claro indicador de reserva. As carrinhas estavam já estacionadas nos lugares da merenda e a comida preparada em cestos e panelas.

A merenda é uma grande refeição coletiva de transição entre a procissão e o arraial. O momento de convívio entre as famílias. Aliás, este é o único momento em toda a festa em que os elementos da Confraria, responsáveis pela festa, se separam, juntando-se cada um à sua família. Só podemos compreender o alcance da merenda na festa do Santo Antão se pensarmos a comida desde uma perspectiva social e cultural. Contreras afirma com razão que “o ato de se alimentar ou [o ato] da bebida transcende a pura necessidade de se alimentar, de se nutrir, pois está tão carregado de significados e de emoções que se encontra ligado a circunstâncias e acontecimentos que nada têm a ver com a estrita necessidade de se alimentar” (1992: 102).

A merenda não só alimenta e nutre os romeiros, não só dá energias para afrontar o arraial até altas horas da madrugada; é também um momento de reafirmação das pessoas com a terra em termos tanto metafóricos como literais. As pessoas ocupam o espaço do Santuário, dele fazendo um lugar próprio, a sua cozinha, a sua sala de jantar. No tempo que demora a merendar, cada romeiro é “dono” de um pedaço do Santuário. A reiteração desta prática no decorrer dos anos liga de uma forma íntima o lugar do Santuário às pessoas. Tanto assim que, na festa de 2013, celebrada na aldeia de Parada, por causa das obras de trasladação da capela do Santuário, a falta de um espaço para as merendas foi um dos elementos mais comentados. Mas não

só: por ser na aldeia, onde as pessoas têm as suas residências, todos optaram por fazer a refeição em casa.

Em suma, e na esteira do que foi discutido no Capítulo 1, o espaço condiciona e organiza as relações sociais. Neste caso, a falta do convívio familiar alargado, da prática cultural da comida, fez toda a diferença na festa desse ano.

A merenda do Santo Antão reproduz toda uma narrativa com elementos próprios da festa representada em diversos itens. Aqui vamos procurar analisar dois: a comida e as conversas.

Embora seja depois da procissão que as pessoas se reúnem para a merenda, o processo de preparação da comida começa antes da descida para o Santuário. As casas e cozinhas de Parada e das aldeias próximas cheiram a comida. Os fornos, as panelas e as frigideiras não descansam nas cozinhas. Enquanto no forno se assa o leitão, na frigideira os panados vão-se fritando e nas panelas o arroz coze. A preparação da comida é um trabalho realizado quase em exclusivo por mulheres, na manhã de sábado e mesmo na sexta-feira. A planificação da comida necessária, da variedade de pratos e de fazer tudo com o tempo justo para descer ao Santuário fazem parte de uma aprendizagem de anos. As mulheres mais idosas capitaneiam toda a operação e, através da sua prática e da presença de mulheres mais novas na cozinha, o saber culinário transmite-se de geração em geração.

Mas a comida do Santo Antão tem elementos especiais. Por ser uma merenda a consumir longe de casa, os pratos preparados têm de ser facilmente transportados. Não é frequente encontrar sopa na merenda deste dia. Os pratos preferidos são aqueles que podem ser facilmente transportados e ingeridos frios com agrado. Assim, as frituras são as protagonistas do serão. Outro elemento importante é a quantidade. Na merenda do Santo Antão não basta saciar a fome, a comida tem de ser farta. A abundância de comida é uma mostra de devoção às imagens do Santuário. O esforço, o tempo e

o cuidado na elaboração dos pratos são, também, uma mostra de devoção, mas a abundância de comida partilha outras lógicas.

Durante a merenda, é frequente que as pessoas se convidem umas às outras. Neste oferecimento está incluída a partilha do alimento num dia de festa, mas também a mostra da abundância de comida da própria família. É um dia de mãos abertas e de uma certa exposição pública de devoção através da comida e das habilidades culinárias da casa, isto é, da mulher ou mulheres da casa. Ao contrário do que acontece com a refeição em casa, mesmo que esta seja no dia da festa, a merenda do Santo Antão é feita não apenas para os membros da família, mas também para ser degustada por outros romeiros.

A lista de pratos para esse dia é bem extensa. Vejamos um exemplo concreto de ementa, tirado de um caso real do ano de 2013: arroz de pato, bolinhos de bacalhau, rissóis de carne, panadinhos, peixinhos do rio, peru, leitão, salada de tomate e salada de feijão-verde. Para a sobremesa a família oferece aos convivas “rochedos”, “esses”, bolo de chocolate e melancia. A isto acrescentam-se pão, vinho e refrescos para os mais novos. Os manjares citados fazem parte do leque culinário transmuntano, mas há três pratos que passamos a distinguir: peixinhos do rio, “rochedos” e “esses”.

A comida tem uma importante carga simbólica. No caso da merenda referida, ela está relacionada com o lugar ligado à comida. Nas conversas sobre a merenda, sempre houve uma clara referência aos peixes do rio Sabor. Como se viu de forma detalhada no capítulo dedicado à pesca, os peixes do rio Sabor são referidos como um grande manjar e parte integrante da festa do Santo Antão. Os peixes fazem referência ao lugar do Santuário, à prática da pesca e à relação da população com o rio e com as práticas do presente – e sobretudo do passado –, quando a pesca era parte do sustento material de pescadores e vendedores e parte integrante da dieta da região. Na boca de próprios e alheios, os peixes do rio situam-se do lado

da *haut-cuisine* do Santo Antão, embora a sua elaboração seja simples: normalmente fritos em azeite e condimentados com erva-peixeira, malagueta ou molho de escabeche. Nos relatos dos últimos anos do velho Santuário, a referência à perda dos peixes com a chegada da barragem foi constante. Perder os peixes de água corrente significava perder um elemento culinário próprio da festa. Gastronomia, espaço e cultura unem-se aqui na figura dos peixinhos do rio.

Juntamente com o peixe, a merenda da festa do Santo Antão da Barca tem um amplo leque de sobremesas próprias destas datas e desta celebração. Os “rochedos” e os “esses” são duas das sobremesas de que as mulheres cozinheiras mais se orgulham. Os “rochedos” são uns pastéis em forma de cone elaborados com clara de ovo e amêndoa. Com as gemas sobrantas faz-se o “esse”, que tira o nome da sua forma. Dando voz a Ilda Garcia, uma das mulheres que cozinham estas deliciosas sobremesas, apresentamos duas receitas, começando pela dos “rochedos”:

Necessitamos de meia dúzia de ovos, mas dos ovos tiram-se as gemas e ficam só as claras. Um quilo de açúcar. Isso bate-se e fica tipo uma massa de suspiros, em ponto. Leva um quilo de amêndoa lascada, palitada, e depois duas colheres de farinha. Isso vai ao forno. Põe-se nuns tabuleirinhos com uma colher como as da sopa. Está no forno e fica amarrado tipo bolacha. Está no forno só uma lágrima de volta, tira-se do forno e com as mãos molhadas com farinha, porque queima muito, então levantam-se e dão a forma de um rochedo. Depois [espera-se] meia hora e está o bolo feito.

Já a receita dos “esses” é a seguinte:

A gente costuma aproveitar as gemas e fazer um bolo seco a que chamamos os “esses”. São oito ovos, meio litro de azeite rijado [quente] e farinha, que mexemos para poder fazer a forma do “esse”. A gente enrola e faz o mesmo “esse”. Nessa massa pode-se misturar a gema que fica de fazer os “rochedos”.

Por fim, apresentamos a receita dos peixes do rio Sabor:

Tem-se que pôr sal. O peixe frita-se em azeite, que fica mais saboroso, e depois de fritar faz-se um molho em escabeche que é azeite, vinagre, cebola às rodelas, um bocadinho de erva-peixeira, um bocadinho de malagueta – para ficar um paladarzinho a malagueta –, e fica de hoje para amanhã.

Além da comida, a merenda do Santo Antão tem um outro elemento próprio da festa, já mencionado, que tem um relevo especial na sequência da romaria: as conversas. É certo que tempo para a conversa há em toda a festa, mas o momento da refeição oferece condições de repouso que propiciam a comunicação verbal.

O dia da festa do Santo Antão é um momento de reunião. Pessoas que estão fora, na emigração, voltam para a celebração e o convívio. Pessoas em França, em Espanha ou em qualquer outro país da Europa, mas também no Porto, em Lisboa, em Miranda do Douro ou em Vila Real, voltam nesta altura para o encontro anual de revisitação de amigos e familiares mais distantes.

As conversas da merenda reafirmam as memórias familiares, dos vizinhos e da própria festa. É a conversa para matar saudades do lugar. Nos últimos anos da festa no velho Santuário eram muitas as conversas sobre edições passadas da celebração: como era antigamente a festa, como as músicas tocavam até de madrugada, como o rio era uma paisagem de recordações,

de experiências da juventude. Falam do local do Santuário com a saudade de quem já o perdeu, conscientes de serem os últimos romeiros.

Nas merendas contam-se histórias. Normalmente os homens, mas também algumas mulheres, contam anedotas e contos sobre a festa. Histórias de acontecimentos particulares em que a rivalidade entre as diferentes freguesias chegava por vezes a vias de facto, isto é, ao confronto físico. Os relatos fazem referência ao período da infância ou juventude dos presentes. São casos já com muitos anos, porque os que falam são emigrantes que deixaram a terra ainda novos e a sua memória ancora-se no tempo em que eram moços. Sendo assim, há sempre um halo de saudade e melancolia.

A merenda, como já foi dito, é o tempo de transição entre a procissão e o arraial. Acabada a comida, as pessoas tomam o café no próprio local da merenda ou no bar da festa. A música começa logo a seguir. Se ouvirmos as conversas, observarmos as últimas festas no Santuário e consultarmos o arquivo da Confraria, vemos que sempre houve música na festa, mas que nem sempre foi a mesma nem com a mesma distribuição. No ano de 2012, depois da merenda, a banda municipal de Alfândega da Fé ofereceu um concerto para os romeiros. Colocados no coreto do adro, no altar campal, a banda interpretou músicas populares. Os romeiros que assistem não dançam, embora a música tenha esse propósito. O público bate palmas de forma insistente. Não quer que o concerto acabe. A banda inclui peças cantadas que os presentes agradecem. Nesta altura da noite, parece que há mais pessoas que na procissão. Embora o concerto tenha acabado, o pessoal continua no adro.

A música da banda, na atualidade, limita-se à entrada dos responsáveis pela festa no adro, à procissão e a um pequeno concerto depois das merendas. Na edição de 2013, celebrada na aldeia de Parada, não houve o mencionado concerto. Mas nem sempre foi assim. Os relatos das pessoas com mais

de cinquenta anos comprovam a existência de três bandas na festa. Manuel Ribeiro, de mais de 75 anos, comenta que na festa “estavam as bandas a tocar, uma no adro e as outras duas em cima [nos coretos]. Primeiro tocavam as outras duas, depois paravam e tocava a do adro”. Nos arquivos da Confraria encontra-se documentação do ano de 1951 que confirma o pagamento a três bandas diferentes. Naquele ano foram pagas as de Carviçais, Chacim e Sambade. Estela Alves relata que, antes de existirem os coretos fixos, “os coretos eram improvisados, feitos e desfeitos ao fim da festa. Porque depois foram feitos aqueles definitivos, os que estão lá [...]”. Os coretos foram feitos no começo dos anos 1950. A mesma informante explica como foram construídos:

[Os coretos] eram feitos em madeira, improvisados. Aqui só havia fragas, aqui só havia fragas e rochas, era... E esse senhor que fez lá os coretos definitivos era um irmão desse senhor, desse capitão da força aérea⁶. E como é que ele conseguiu à mão, com trabalhadores, à mão, desbravar isto tudo, fazer aquelas... aquelas escadas e fazer aqueles coretos que ainda hoje lá estão. Ainda hoje estão lá.

Nos coretos tocavam as bandas, que competiam entre elas a ver qual era a melhor. Na atualidade, e desde pelo menos a década de 1970, as bandas foram substituídas por conjuntos musicais como animadores da noite do Santo Antão. No programa de 1980 podemos ler: “às 22 horas início do grande arraial em que actuarão a conceituada banda de música do Felgar e o famoso conjunto ‘Zapa-Band’ de Mogadouro”. Onze anos depois, a fórmula será semelhante, mas com a banda de música de Izeda, o conjunto Diapasão e o organista Beto. Enfim, os estilos musicais variam com os

6 Aníbal Sousa é irmão do capitão Sousa (Lopes, 2008: 53).

tempos, procurando os responsáveis pela festa manterem-se próximo do gosto dominante, em especial dos mais jovens. Estela Alves assinala esta mudança e os seus sentimentos, certamente partilháveis por uma ampla maioria de pessoas da sua geração:

Mas eu gostava muito mais da festa do Santo Antão no antigamente do que agora. E era muito mais bonita, muito mais... Primeiro, não tínhamos os conjuntos, que os conjuntos dão cabo da gente, as pessoas novas gostam muito. É a vida, não é? Chegaram a estar lá três bandas, três bandas. Houve lá um concurso de bandas lá, uma que atuava mesmo, mesmo ali no adro da igreja e duas em cima nos coretos. Chegava o dinheiro para tudo, e o único rendimento era que pagavam as promessas não em dinheiro, era tudo em cereal.

A noite do arraial nos anos 2012 e 2013 foi animada pelos conjuntos. Contudo, as canções interpretadas por estes conjuntos não eram todas contemporâneas. O repertório foi muito variado, incluindo música folclórica, brasileira, espanhola, pimba, merengue, fados, viras, *rock* e *pop* internacional e ainda música contemporânea portuguesa.

Podemos afirmar que houve um percurso musical que foi das melodias de baile de pares até à música de baile solto, isto é, da música popular “clássica” à música popular contemporânea, mais ao gosto das pessoas mais jovens do arraial.

O ânimo para o baile sobe com o fluir da música. O conjunto tem o seu próprio palco, montado num reboque de camião. Entre eles e o público há um grande espaço que vai sendo ocupado com dançantes. No baile há pares compostos por um homem e uma mulher ou por duas mulheres. No começo da festa são os casais de mais idade que começam a bailar. Com o avançar da noite, os mais jovens vão aderindo, acabando por se constituir

em maioria. No entanto, aqueles que observam, não tomando parte ativa no “terreno” de dança, são ainda mais numerosos.

O arraial faz parte essencial da festa do Santo Antão, mas os códigos e as formas de relacionamento entre as pessoas nem sempre foram os mesmos. Os relatos deste momento da romaria também variam segundo a idade dos assistentes. Como era o baile e quem podia bailar e com quem? A festa era um tempo de namoros, um lugar onde moços e moças da região se podiam ver e comunicar. As oportunidades de contactar pessoas de fora da freguesia não eram muitas, e contar com o tempo livre para o fazer tão-pouco era viável, atendendo aos afazeres quotidianos e às dificuldades e morosidade das deslocações. Tal como ficou escrito no capítulo dedicado ao cereal, a maior parte do ano era tempo de trabalho, embora não isento de comunicação e de contacto entre potenciais casais. Mas o arraial tinha características próprias: música, baile, noite e concentração de pessoal que o convertiam num espaço singular, propício, apesar de todas as formas de vigilância e controlo exercidas pelos progenitores, ao estabelecimento de novos relacionamentos de amizade e de namoro.

Uma conversa com Maria Celeste Branco e Hermínia Cordeiro mostra os limites do namoro no seu tempo de juventude. Na altura da conversa, as entrevistadas tinham 85 e 91 anos, respetivamente.

CELESTE BRANCO – Mas os namoros dantes eram muito perigosos...

ENT. – Como eram?

CELESTE BRANCO – Os pais... As raparigas andavam todas juntas, e os pais andavam por trás a vigiar. Ali os rapazes não tocavam, nem falavam. Nem falar.

ENT. – Então para bailar tinham de pedir permissão ao pai. Se um rapaz quisesse dançar com uma rapariga, como era?

CELESTE BRANCO – Ah, mas ali não dançavam, quando era na nossa mocidade dançavam pouco, não dançavam.

ENT. – Só de roda à volta da Capela?

CELESTE BRANCO – Sim, de roda de volta da Capela.

ENT. – Todas de mãos dadas.

CELESTE BRANCO – Assim, assim. E os rapazes, coitados, às vezes lá iam assim a dar uma voltita. Ah, mas era tudo muito vigiado.

As possibilidades de contacto entre rapazes e raparigas eram muito restringidas e os namoros não incluíam nem contacto físico nem sequer quase comunicação. Na mesma conversa, Celeste Branco e Hermínia Cordeiro, sobrinha e tia, relatam as dinâmicas destas relações:

CELESTE BRANCO – Se um rapaz falasse com uma rapariga e depois não a quisesse, pronto, depois os outros rapazes já lá não iam, já não a queriam. Se andasse um rapaz com uma rapariga e se deixassem, aquela rapariga já perdia. Era assim.

ENT. – Então tinham de acertar à primeira. Não podiam falhar?

CELESTE BRANCO – Não podiam falhar. Se começasse a namorar com um rapaz e depois, pronto...

HERMÍNIA CORDEIRO – E depois a minha casa tinha uma varanda. Ele estava na bica e eu assomava-me ao bico só para o ver [*risos*]. Ele assobiava muito, assobiava muito bem... e eu era tecedeira e pelo janeloco via-o passar, e eu no tear, treca, treca, treca... E era assim.

CELESTE BRANCO – E depois, quando se forma o casamento, tinham de ir pedir aos pais.

ENT. – Pedir aos pais para casar?

CELESTE BRANCO – Os namoros eram fracos.

ENT. – Demoravam? Quanto tempo era o namoro, era muito tempo ou?...

HERMÍNIA CORDEIRO – Olhe, eu já nem sei. Aquilo, a gente gostava dele, namorou, casou, pronto, acabou. Não é como alguns quatro ou cinco anos, até cheira mal isso, mas nós aqui não podíamos... Era depressa, não havia assim anos. Porque não davam asas, por exemplo, para ir à feira com ele. Era só aqui, era só aqui, só aqui em casa.

Os moços formavam rondas à noite na aldeia e com uma viola ou uma guitarra cantavam nas janelas das raparigas. Hermínia Cordeiro rememora uma cantiga que lhe cantaram: “Adeus... as costas eu te vou virando,/ minha boca vai sorrindo,/ meu coração vai chorando./ Arcipreste verga a ponta,/ escreve uma carta no chão,/ para que saiba o amor/ quantas passadas se dão”⁷.

Do relato destas duas senhoras vemos como o lugar da mulher era de submissão ante a vontade paterna. Se o casamento significava a libertação face à tirania paterna, por outro lado significava passar para outra dominação, a exercida pelo marido. Apesar deste quadro relacional, a mulher casada tinha mais possibilidades de movimentação. Podia sair da aldeia, enquanto uma rapariga solteira estava, em certo sentido, presa a esse lugar. Mas em relação à festa do Santo Antão, o lugar das mulheres casadas era diferente do das solteiras: “As raparigas solteiras andavam em volta do adro, e as casadas estavam sentadas ao pé dos filhos. Havia logo filhos”, relata Celeste Branco.

Segundo esta perspetiva, e voltando à festa do Santo Antão, entendem-se melhor as palavras de Celeste Branco: “Eu para mim a festa do Santo era a melhor coisa que me acontecia na vida, não ia a lado nenhum.” A festa, apesar de todas as limitações, era um momento de certa liberdade e folga para as moças. Nas conversas transcritas podemos ler que no tempo de mocidade

7 Pinto (2002: 136-137) transcreve várias destas quadras.

destas duas mulheres era costume bailar de volta da Capela. Imaginamos a cena de dúzias de raparigas bailando de mãos dadas ao som da música em redor da Capela. Uma dança comunitária, mas também uma dança de acordo com os cânones de proibição da altura. Bailar dentro do adro significava ficar num lugar fechado e vigiado. Emília Pires descreve a situação de forma gráfica: “Dantes não dançávamos lá dentro na Capela, só andávamos de roda como o boi no lagar.” As raparigas todas juntas, sem que qualquer homem mediasse no baile.

Estas memórias trazem à luz inúmeras histórias que nos mostram o ambiente de vigilância permanente. Celeste Branco relata uma história ocorrida nessa roda de raparigas:

Há outra história muito engraçada. Olhe, você tome conta nesta história, porque se lhe acontece a si, é preciso saber estas coisas. A Ti Adosinda – tu lembras-te da Ti Adosinda [dirigindo-se para a vizinha] –, já nem me lembro do nome das raparigas, uma Isabel e a outra não sei como se chamava. Só sei que andavam as raparigas todas de braço dado, a gente agarrava-se assim umas às outras e andávamos a dar volta à Capela. Andava um atrás delas, chegou-se ao pé da Isabel, a Ti Adosinda percebeu, agarrou num sobreiro atrás do homem, deu três voltas à Capela, que o homem foi obrigado a meter-se na Capela com a vergonha que apanhou [*risos*]. Com o sobreiro atrás do homem, trupa, trupa, trupa. Mas andavam as mães atrás de nós, não fazíamos o que queríamos, “bô”...

Mais uma vez a vigilância, mas também necessariamente, de acordo com o jogo do cortejo e do namoro, a transgressão.

O arraial do Santo Antão é composto por música, e igualmente por inúmeras barracas de comes e bebes. A Confraria vende as senhas para as bebidas. O fino é a bebida-estrela, vendida a homens e mulheres a um euro

o copo. O vinho quase não tem presença, ao contrário do que acontecia antigamente, quando era, a bem dizer, a praticamente a única bebida de consumo.

No Santuário existe uma clara divisão do espaço da festa. Dentro do adro estão todos os lugares sagrados ou relacionados diretamente com a devoção religiosa, mais as barracas e o bazar pertencentes à Confraria. Tudo o que é feito dentro do adro tem a ver, de uma ou de outra forma, com Santo Antão da Barca. Durante o arraial, o grande trabalho da Confraria está nas barracas. Quanto mais trabalho melhor, porque dos rendimentos da noite da festa dependem em grande medida as finanças de toda a celebração. Cada pessoa tem designada uma tarefa nessa noite. Não há espaço para a improvisação. O dinheiro é recolhido e guardado por duas pessoas da organização da festa, pelo que as encarregadas de atender os visitantes não têm de se preocupar com a questão financeira. O bazar inclui objetos numerados, doados pelos habitantes de Parada. O mecanismo é simples: com um euro compra-se um pequeno papel com um número oculto. Uma vez desdobrado o papel, a pessoa tem direito ao objeto correspondente àquele número.

Fora do adro, no antigo Santuário, convivem as restantes barracas, que são de diversa natureza. Quem quiser comida tem uma barraca com cachorros e hambúrgueres, outra com doces e gelados, outra com licores. Também há barracas para diferentes jogos de azar e habilidade. O tiro com a espingarda é o mais popular. Junto a estas barracas há todo um leque de outras onde se podem comprar brinquedos e artesanato.

As barracas fazem parte da festa. Sempre as houve e são um modo de vida para feirantes e mesmo habitantes do lugar. Na atualidade não é frequente, mas nos relatos das pessoas entrevistadas aparecem com insistência pequenos negócios relacionados com a festa. Olímpio Ginja conta

como o seu pai vendia faixas de palha a cinco coroas (2\$50) para dar de comer aos machos e burros que baixavam à festa. Hermínia Cordeiro diz que, quando era miúda, o pai montava uma taberna para vender vinho e peixe frito.

A festa era uma oportunidade para ganhar algum dinheiro. Segundo Alda Garcia, havia tabernas de diferentes pessoas que não pagavam nada à comissão da Confraria: “Não pagavam nada. Esse homem, o Praça de Meirinhos, era devoto do santo, era um homem que gostava de ir ao santo e... Esse levava lá uma taberna, uma tasquita e depois levava carne. Matava lá uns cordeiros, uns cabritos, umas ovelhas e tal. Levava, levava...”

A festa proporcionava às pessoas presentes, momentos, produtos e comidas extraordinários. Por isso a memória fica presa em pequenos detalhes da celebração que mostram o contexto de carestia na infância e na adolescência que muitas das pessoas entrevistadas viveu. Tal é assim que um grupo de paradenses fala sobre estes produtos vendidos nas barracas transmitindo o fascínio daqueles miúdos pelo que hoje em dia poderia ser normal. Voltando a falar do licor da Ti Germana,

ALDA GARCIA – Dantes a gente ia à festa do Santo, era a festa que tínhamos aqui. Íamos à festa do Santo, levávamos tanto como o que tenho nesta mão; onde estava o dinheiro? Quem é que o tinha? Se levássemos um tostão ou dois para beber um licor, a uma mulher que morava aí, que lhe chamávamos a Ti Germana...

ILDA GARCIA E MANUEL RIBEIRO – O licor... era o licor da tia Germana.

ENT. – Era o licor da Ti Germana. E de que eram os licores?

ALDA GARCIA – Eram de água doce... Botavam-lhe um bocado de açúcar, e assim numas garrafitas pequeninas, e botavam ali para aquela garrafa.

ILDA GARCIA – Aquilo era tipo chá.

ALDA GARCIA – Chamávamos-lhe o pirolito...

Vamos beber um pirolito, era aquela garrafinha de dois tostões. Quem é que tinha cá o dinheiro?

ILDA GARCIA – É também costumava ir lá uma doceira com as súplicas.

O arraial continuava toda a noite e só era interrompido pelos fogos de artifício. O Santuário tinha a Casa do Fogo, perto da qual os fogueteiros lançavam o fogo. Situada num outeiro afastado do recinto do Santuário, a casa guardava o fogo durante a festa até o momento do seu lançamento. A existência de dois ou mais fogueteiros era motivo de competição e festa, distribuindo prémios pelos melhores. Era costume que as casas de fogo de artifício oferecessem os seus serviços e na publicidade incorporassem os prémios ganhos nas diferentes festas e romarias, como amiúde se pode ler nos arquivos da Confraria do Santo Antão da Barca.

Para a festa, a Comissão contratava os fogos no primeiro semestre do ano, e podemos imaginar a sua importância consultando as faturas. No ano de 1925 pagou-se pelos fogos um total de 1600\$00, o que, comparando com as faturas da música, 1800\$00, comprova o seu peso na festa. No ano de 1986, o pagamento do fogo de artifício ascendeu a 40 000\$00, e a música a 165 000\$00. No ano de 1991 as cifras

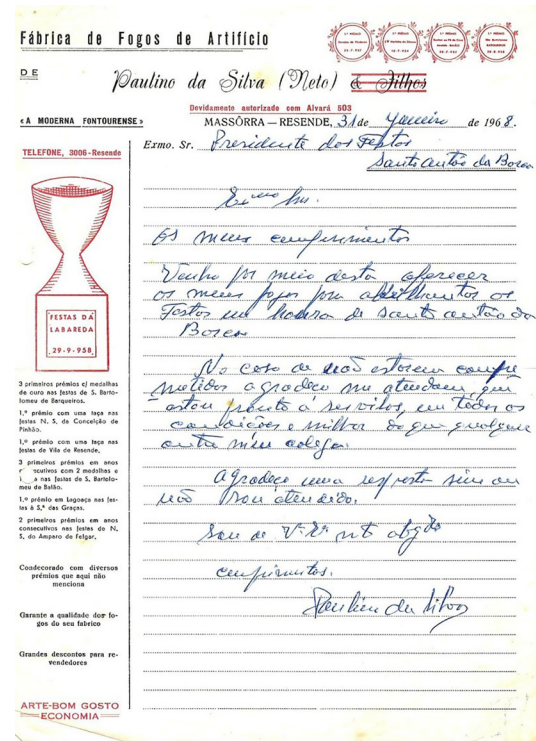


Fig. 7

Carta de disponibilização de fogos de artifício em 1968 (arquivo da Confraria).

são algo maiores. Para o fogo destinaram-se 180 000\$00, e para música 255 000\$00. O espetáculo dos fogos era mais impressionante no tempo em que a eletricidade ainda não tinha chegado ao Santo Antão da Barca. O fogo no céu negro do Sabor, iluminado por centos de petardos, produzia um efeito luminoso e cénico que todos os presentes apreciavam e recordavam por longo tempo.

Fig. 8
Orçamento da banda de música em 1958 (arquivo da Confraria).

Banda de Música de Mateus (Velha)
FUNDADA EM 1810

MATEUS-VILA REAL, 14 de Fevereiro de 1958

Ex.^{ma} Sr.^o Francisco Antão Ramos

Parada

Em resposta á carta de V.^{Ex.^a} de 9 do corrente informo que para esta Banda se deslocar a essa localidade no dia 7 e 8 do mez de Setembro próximo, para cumprir o mesmo serviço de há dois anos o mínimo preço que se pode fazer é de CINCO MIL RECU-DOS (5.000\$00).

O preço de há dois anos foi menos alguma coisa mas não dá margem.

E favor responder na volta do correio para nosso governo Com os meus cumprimentos

O Sub-Chefe da Banda de Musica
Luiz Pinho
Luiz Pinho

Fig. 9
Orçamento da banda de música em 1970 (arquivo da Confraria).

Banda Infantil da Casa de Trabalho Dr. Oliveira Salazar
(PATRONATO DE SANTO ANTÓNIO)
BRAGANÇA: -30-8-70

Ano de 1970

CONTRATO

A Banda Infantil da Casa de Trabalho compromete-se fazer a festa de Divino Sabor da Barca, freguesia Parada concelho de Alfândega da Fé pelo preço de ESC. 4.300\$00 nas condições seguintes:

Missa cantada pelo Grupo Coral da Banda
Procissões — N.º 2

Serviço da Banda
Concertos — N.º 2
Arraial das horas até às horas
Serviços extraordinários — N.º

Compromisso dos Mordomos
Transportes por nossa conta
Alimentação por conta

Entrada da Banda na povoação às 9 horas.
Saída da Banda da povoação às 20 horas.

O Director,
Francisco Antão Ramos

Assumimos inteira responsabilidade e comprometemo-nos a cumprir fielmente o contrato acima discriminado.

Bragança, 11 de Junho de 1970.
A Comissão das Festas,
Francisco Antão Ramos
João José Branquinho



Fig. 10
Orçamento do conjunto musical em 1979
(arquivo da Confraria).

A festa não era só diversão, ou melhor, para alguns a diversão não era só festa. Normalmente, a romaria coincidia com o fim da segada. Como antes mencionado, na segada os segadores partilhavam mais do que palavras, desafiando-se e dando expressão às rivalidades, nomeadamente entre freguesias vizinhas, durante a própria festa do Santo Antão da Barca. Esta rivalidade foi relatada por pessoas de todas as idades. Mesmo no presente etnográfico, os comentários irónicos entre pessoas de diferentes freguesias são constantes. Celeste Branco fala-nos dessas rivalidades:

CELESTE BRANCO – Depois eram os de Meirinhos, e os de cá, e os de Vilar Chão.

ENT. – Havia rivalidade?

CELESTE BRANCO – As freguesias estavam sempre em rivalidade, sempre...

ENT. – Mas era gente jovem, ou era tudo...?

CELESTE BRANCO – Era a gente nova, mais nova. Os de Vilar Chão e os de cá não se davam. Depois passavam por aqui e levavam os bonecos assim na ponta de um coiso, que era como quem lhe botava fogo. Depois era guerra. Depois tinha que lá estar sempre a guarda toda a noite e depois também lhe batiam. Os guardas batiam-lhe, era assim...

A rivalidade era tal que havia sempre barulho na festa. Em todas as festas havia uma patrulha da GNR e, antigamente, um destacamento do exército. Mesmo o marechal Óscar Carmona patrulhou mais de uma vez com as suas tropas na festa do Santuário (Lopes, 2008: 56)⁸. Em caso de necessidade, a antiga Casa das Tulhas servia como prisão durante a romaria. Lopes (2008: 56-60) relata dois acontecimentos trágicos ocorridos na festa do Santo Antão. Bem presentes na memória dos mais velhos, estes dois episódios foram-nos narrados durante as festas de 2012 e 2013, se bem que com um detalhe inferior ao descrito no texto. As duas mortes correspondem a um capador de Meirinhos, Francisco do Nascimento, e a um temido homem de Santulhão, do concelho de Vimioso, o Canedo.

No primeiro episódio, datado por Lopes em 1868, o capador de Meirinhos, que era muito bom jogador de ferro, um dia, nos Carviçais, foi convidado a jogar. Depois de recusar por várias vezes, o homem acabou por anuir. Bom jogador de ferro, colocado na raia, pediu a uns homens para se colocarem a uma distância considerável “para evitar que alguma pessoa surja descuidada e possa ser atingida ” (Lopes 2008: 57). Uma vez situados os homens longe do ponto de tiro, o capador disse estas palavras: “Aí vai um tiro para os nascidos, para os que hão de nascer e para os que aqui

8 António Óscar de Fragoso Carmona foi um dos golpistas do 26 de Maio de 1926 que colocou fim à Primeira República, vindo mais tarde a ser o primeiro presidente da República do novo regime ditatorial.

estão em redor.” O tiro foi de tal magnitude que ainda hoje está por superar a sua marca. Mas os homens dos Carviçais não gostaram das palavras do capador e desafiaram-no para medir forças no Santo Antão. Ali, a superioridade numérica fez com que o capador fugisse e com a fuga atrair a tropa atrás dele. Atingido por uma pedra, o homem não conseguiu voltar vivo a Meirinhos.

O segundo episódio aconteceu em 1903 e nele Canedo foi abatido a tiro pela tropa. Canedo era um homem provocador, com gosto pelas zaragatas e barulhos. No Santo Antão desse ano começou um barulho e, na sua fuga, o comandante do destacamento ordenou fazer fogo. Entre os soldados havia um rapaz que o Canedo tinha injuriado. Nessa ordem, o soldado encontrou a sua vingança e o Canedo caiu morto. Este episódio deixou na memória coletiva umas quadras comemorativas:

Já mataram o Canedo
mas não foi na sua terra
foi no Santo Antão da Barca
desviado da Capela

O tenente estava borracho
de vinho e aguardente
mandou atirar fogo
no meio de tanta gente

As balas caindo no chão
faziam grande poeira
foram matar o Canedo
à curriça da moleira

A festa é um espaço poliédrico onde se desenvolve uma multitude de situações: rapazes jogam entre os dançantes no arraial, rapazes e raparigas procuram o namoro, vendedores fazem o seu negócio, pessoas na Capela rezam e cuidam das imagens, rivais resolvem as suas diferenças... E os membros da Confraria responsáveis pela festa: o que fazem durante os festejos?

No início do capítulo dissemos que a festa se compõe de diversão, devoção e trabalho. Estes três eixos concentram-se nos responsáveis pela organização da festa. A preparação de todo o arraial exige um trabalho que começa no mês de janeiro. A procura de conjuntos e bandas de música ou de fogueteiros não pode demorar muito. O Santo Antão da Barca, sendo das mais importantes, não é a única festa da região.

Os vendedores das barracas têm de solicitar permissão à direção da Confraria. A GNR deve ser contactada, sendo obrigação da Confraria informar sobre tudo o que possa acontecer na festa. Os membros mais envolvidos trabalham arduamente para a festa, quer na sua organização, quer durante a sua realização. Mas também têm tempo para a diversão, tanto na preparação, realizada durante a semana anterior, como no próprio dia da festa.

Dantes, na semana anterior à festa, as pessoas mudavam-se literalmente para o Santuário para ajeitar tudo para o grande dia, alojando-se nas casas dos Romeiros e do Ermitão. Era, na verdade, uma semana de trabalho, mas também de diversão e convívio entre estas pessoas. Luís Pereira relata com emoção o ambiente durante essa semana:

O pessoal ia para ali uma semana. Aquilo era, embora trabalhassem, mas aquilo era... era uma alegria. E depois à noite cantava-se o fado, depois aquilo era só bebedeira. Depois, na altura, havia pouca cerveja. Não se vendia quase cerveja. Chegaram a levar para lá uma grade de cerveja e vinha metade. Só bebiam duas ou três cervejas, aquilo era

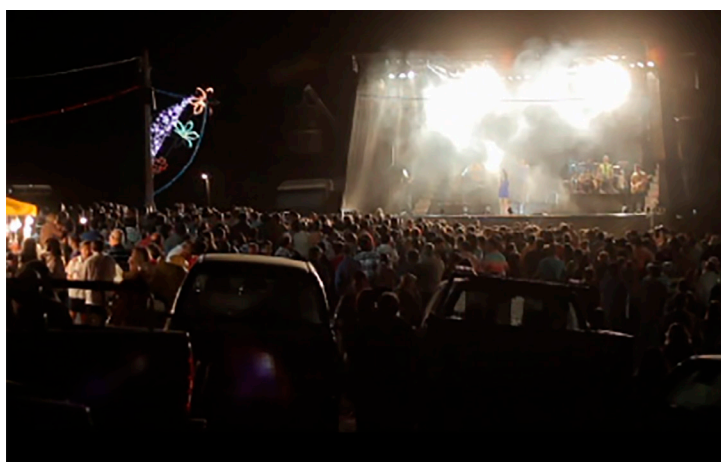
só vinho. Levavam o carro dos machos ou dos bois, levavam um pipo de vinho. Aquilo era ao copo de vinho, era assim. Pois aquela semanada era só para a farra, para comer, beber e trabalhar. Preparavam o que tinham a preparar, mas... Era assim, peixes e batatas. Era o que a gente colhia e salada de tomate que havia ali nas Olgas, que tinham as hortas por ali⁹. Lá o ermitão tinha, os outros daqui fabricavam lá nas Olgas. Iam daqui fabricar nas Olgas, tinham lá os pomares; tinham lá nas Olgas as batatas.

A Confraria organiza a festa, a diversão e a devoção pelos santos do Santuário, mas o seu labor não termina com a festa. Acabada esta, há que proceder à limpeza do Santuário e, depois, já sem freima, ao apuramento das contas, para apresentação e aprovação na assembleia da Confraria no primeiro trimestre do ano seguinte, em conformidade com o art. 10.º dos Estatutos. Certo é que, antigamente, como já foi acima mencionado, até aos anos 1990, a romaria rematava, oficialmente, com a missa às

9 *As Olgas* é o nome dado a um terreno muito fértil localizado na margem direita do rio Sabor, junto ao santuário de Santo Antão da Barca, onde algumas pessoas plantavam hortícolas e outros vegetais.



99 | 100 | 101
Momentos da festa noturna (2012).



102 | 103

Momentos da festa noturna (2012).

cinco horas da madrugada de domingo, “em acção de graças pelo êxito dos festejos” como se podia ler nos cartazes de 1980 e 1991. Esta missa, segundo as informações recebidas, era em honra dos irmãos da Confraria e punha fim à romaria.

Depois desta hora, no tempo dos candeeiros a petróleo, voltava-se a pé, com os machos e os burros. Hoje, não se celebrando a missa, os romeiros vão saindo do recinto da festa de modo mais espaçado, sendo muitos os que fazem coincidir a saída com o fim do concerto, a cargo da banda de música. Enfim, a bordo das suas carrinhas, carros e tratores, os romeiros abandonam o Santuário, a caminho das suas residências, deixando para trás mais um ano de memórias e convívios.



104 | 105 | 106

Momentos da festa noturna
(2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E a vida continua

*(E com ela
a fé e a festa)*

Fernando Bessa Ribeiro

Ao longo de quase vinte meses de trabalho de campo com os habitantes da aldeia de Parada, fomos vivendo e discutindo com eles as mudanças que a construção da grande barragem trará para as vidas quotidianas. O sentimento dominante, face ao avanço inexorável das obras no rio Sabor, por nós visitadas numa manhã chuvosa de novembro de 2012, é o de resignação, aliás validada pelo Santo Antão da Barca. Como nos disse com total convicção Olímpio Ginja, um dos nossos principais informantes, não foi por vontade sua que a barragem se construiu. Mas, se até o Santo estava a deixar, não seria ele que se iria opor. De certo modo, a população de Parada transferiu para uma entidade santa a justificação de uma decisão que lhe vai permitir renovar as forças para se adaptar a uma situação completamente distinta. Perante algo não imaginado e jamais desejado, pressentiu-se que a vida continua, embora de outro modo.

O velho Santuário ficará submerso, a paisagem será outra, o peixe continuará a ser abundante, mas já não poderá ser pescado nos baixios do rio, apanhado nos pequenos buracos das margens, com as redes lançadas pelo pescador metido na água, observando e procurando a melhor estratégia para uma pescaria farta. Tão-pouco se celebrará o Santo Antão no velho Santuário, afundado para sempre, mas sim no novo lugar, com um enquadramento paisagístico muito distinto e um espaço que, procurando reproduzir a disposição existente naquele, será certamente diferente. Mas para a gente de Parada, sobretudo a de idade mais avançada, a devoção terá a mesma intensidade, a relação com o Santo não mudará.

Daqui decorre o necessário impulso para refazer as práticas e as ligações identitárias e simbólicas que, de certo modo, obrigam a um novo começo, através do esquecimento (parcial) do passado (Augé, 1998). Esta reconstrução da memória, inseparável não só das práticas e dos rituais mas também dos espaços onde eles se cumprem, sobre a qual se procurou refletir demoradamente no Capítulo 1, foi enunciada com uma clareza deveras impressionante por uma das nossas informantes aquando de uma visita organizada em maio de 2013 ao novo Santuário, ainda em construção. Constatando as diferenças, nomeadamente no que se refere à qualidade arquitetónica do edificado – construções modernas e funcionais, onde apenas se preservaram a abóbada, o teto, os altares, os granitos e as pinturas da velha na nova Capela –, lembrou que, se os mais velhos irão guardar a memória do velho espaço, os mais novos só terão o novo para recordar, uma vez que não conheceram o velho. Mas não só: a ligação dos mais novos ao sagrado e ao lugar é nitidamente mais frouxa, ainda que existam exceções, fazendo com que a necessária reformulação da relação com o Santo Antão da Barca possa mesmo nem se colocar.

Aceite pela população, não obstante as críticas formuladas por muitos em relação a alguns aspetos do espaço – talvez o mais criticado seja o morro situado a noroeste, separando o espaço edificado do parque de estacionamento –,

a desmontagem da velha Capela foi sentida com especial emoção, havendo quem rezasse para que o Santo Antão da Barca interviesse, como em outras circunstâncias muito distintas, diz a religiosidade popular (v. Capítulo 4), impedindo o avanço das obras. Também aqui, corroborando o descomprometimento dos mais jovens acima referido, os rogos foram pronunciados por pessoas idosas, sobretudo mulheres.

Estes sentimentos abalados não paralisam o presente. A vida continua e com ela a fé e a festa. A última romaria no velho espaço, em setembro de 2012, foi sentida, como vimos no Capítulo 6, de forma muito emotiva, sabendo os romeiros que estavam perante um acontecimento irrepetível. Face à impossibilidade de se organizar a de 2013 no novo espaço, por as obras ainda não estarem concluídas, a Confraria decidiu, não sem alguma discussão e divisão de opinião, realizar a festa na aldeia de Parada, de forma que a tradição não se quebrasse. Tal revela não só a determinação em prosseguir com os eventos que são importantes para a vida da comunidade local como a capacidade de adaptação às circunstâncias decorrentes de decisões que não tomaram mas a que têm de dar resposta, não defraudando expectativas que são cruciais para alimentar solidariedades, presenças e amizades. De facto, as festas são momentos importantes para a manutenção do laço social entre membros das famílias de Parada que, por razões diversas, em boa parte ligadas à procura de melhores oportunidades de vida no litoral ou mesmo na emigração no estrangeiro, regressam a Parada para reverem familiares e amigos que, não raro, só encontram em outras datas festivas, como o Natal.

A festa faz parte da vida social. Religiosa, profana, cíclica, celebrando acontecimentos de forma recorrente, nomeadamente de modo anual, ou eventos inesperados, ela mobiliza os indivíduos e suas comunidades, constituindo-se, como sublinha Silva, seguindo Mauss, “um fenómeno social total

na medida em que abarca diversos aspectos da realidade social: ritual-simbólico, socioeconómico, organizativo-político, lúdico, estético e erótico” (1996: 85). A festa realizada no santuário de Santão Antão da Barca, conquanto tenha indiscutivelmente um fundamento religioso, a evocação e celebração da memória de um santo que mobiliza romeiros de concelhos mais próximos e até de lugares fora da região, combina o sagrado com o profano, à semelhança do que acontece em muitas outras festas realizadas um pouco por todo o país (cf. Oliveira 1984: 239ss). Para a sua realização, é imprescindível a convocação de muitas vontades individuais e recursos, nomeadamente financeiros. Passando por cima das rivalidades e conflitos existentes na aldeia, uma parte muito significativa dos seus membros colabora nas mais diversas tarefas necessárias ao bom desenrolar da festa. São práticas que se inscrevem claramente no domínio da dádiva, da esfera da reciprocidade e não do mercado, onde o interesse económico ou outro, conquanto possa estar presente, é secundário e pouco visível. E que são, importa sublinhar, essenciais à preservação dos laços desta gente como comunidade de destino, em que o futuro de cada um não é indiferente aos outros.

A festa no santuário de Santo Antão da Barca repete, de certo modo, o observado por Saraiva (2003: 115) para a aldeia da Luz, no Alentejo: estamos perante a abertura ao exterior, e à festa afluem os familiares emigrados, seja nas cidades do litoral, seja no estrangeiro, os amigos que residem longe. E como aconteceu dez anos antes na Luz¹, a festa de 2012 no Santo Antão da Barca foi muito singular, como acima se referiu, vivida com especial emoção

1 Sobre a última festa na velha aldeia da Luz, Saraiva escreve que “a solenidade actual desta celebração adquiria neste Verão de 2002 uma ênfase acrescida: ao fim de se repetir, desde há cinco anos, que ‘esta festa será a última na velha aldeia’, era agora óbvio – com as comportas da barragem fechadas, o nível das águas a subir, a nova aldeia pronta e a maioria das chaves das casas já entregues aos seus novos proprietários – que este seria real e definitivamente o último ano da grande festa da santa padroeira na sua velha morada e na antiga igreja matriz” (2003: 113).

por residentes e forâneos: foi a última vez que se realizou no velho lugar, no lugar de sempre junto ao rio Sabor. Muitos, nós próprios também, não se terão dado conta, não obstante saberem que era a última vez que a festa se realizaria no sítio de sempre – “desta vez é que é”, como justamente lembrou o padre Francisco Pimparel na missa campal então celebrada –, que estávamos a fazer história. Isto é, parte inalienável de um acontecimento irrepetível foi registado à exaustão por muitos dos presentes, fosse através de fotografia, fosse em vídeo, certamente materiais que se converterão em artefactos de organização da memória coletiva da comunidade local.

Ao longo do trabalho de campo deparámo-nos recorrentemente, por um lado, com a oposição à construção da barragem, por aquilo que ela implica – submersão de um vasto território, transformando radicalmente a paisagem; desaparecimento de um espaço santo e seu entorno, pleno de recordações, exaltantes, felizes, sofridas, dolorosas, umas e outras contribuindo decisivamente para formar a argamassa da identidade e da memória coletiva da comunidade local –, e, por outro, com a esperança imensa num futuro melhor, decorrente das projetadas oportunidades de desenvolvimento económico alavancadas pelo gigantesco plano de água produzido pelo fecho das comportas em 2014.

Esta tensão entre estabilidade e mudança – entre a saudade de uma paisagem em breve afundada, que é, importa sublinhar, a saudade também de um tempo desaparecido, certamente de muitas privações e provações mas olhado com afeto, pelo menos tanto quanto a recordação da idade da meninice e da juventude por parte dos mais velhos o permite – e um devir mais abundante, trazendo consigo o sempre almejado mas fugidio desenvolvimento, nos termos entendidos pela comunidade local, atravessa todas as tomadas de posição e diálogo dos habitantes de Parada. Por outras palavras, estamos face a um conflito insanável entre a preservação de um presente ancorado num

passado que, apesar de muitas vezes sofrido, era previsível e, de certo modo, seguro, e um futuro muito incerto mas que se deseja melhor. Este conflito só pode ser resolvido procurando encontrar no tempo próximo, que rapidamente será o presente, novas formas de viver a fé e a festa, na qual o (simplesmente) santuário de Santo Antão da Barca continuará a desempenhar uma função crucial. Enfim, com um novo Santuário, uma albufeira gigantesca, um novo espaço e paisagens profundamente modificadas que obrigarão a uma outra relação com o rio, melhor dito, com a água, pois aquele literalmente desaparecerá, a vida continua (e com ela a fé e a festa).

Santo Antão da Barca

Do nosso Santo Antão, que veneramos
No termo de Parada, diz a gente
Que fez muito milagre, há muitos anos,
Nas águas do Sabor que fica em frente.

No início de Setembro, todos vamos
Rezar-lhe na Capela aurifulgente.
Muitos também, por lá, nos refrescamos
Num calmo banho, se o Verão vai quente.

Inverno. Ferve o rio. Margem a margem,
Frágil barquinha, símbolo de coragem,
Tenta ligar no duro furacão.

Rezam as gentes. Pedem ao Santinho.
E logo se lhes mostra no caminho.
Livrando-as do perigo, Santo Antão.

Gouveia (2004: 39)



107

Imagem do Santo Antão da Barca.